



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

STEFERSON SILVA SANTOS

**TRIBOS URBANAS: APROPRIAÇÕES E FORMAS DE USO DO
ESPAÇO URBANO NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE - PB**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

STEFERSON SILVA SANTOS

**TRIBOS URBANAS: APROPRIAÇÕES E FORMAS DE USO DO
ESPAÇO URBANO NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237t Santos, Steferson Silva.
Tribos urbanas [manuscrito]: apropriações e formas de uso do espaço urbano no município de Campina Grande - PB /Steferson Silva Santos. – 2011.
60 f.: il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. Agnaldo Barbosa dos Santos, Departamento de Geografia”.

1. Tribalismo 2. Território 3. Paisagem 4. Centros Urbanos I. Título.


21. ed. CDD 140


STEFERSON SILVA SANTOS


**TRIBOS URBANAS: APROPRIAÇÕES E FORMAS DE USO DO
ESPAÇO URBANO NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 07 / 12 / 2011


Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos - DG - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba - Campus - I
Orientador


Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento - DG - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba - Campos - I
Examinador


Prof^ª. Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos - DG - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba - Campos - I
Examinadora

Dedico, primeiramente a Deus, pela sabedoria concedida, aos meus pais Carlos Roberto e Iedja Santos, e meu irmão Mateus Santos, pelo apoio e incentivo diário, como também a ambos pela paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, soberano criador de todas as coisas, pela misericórdia e graça derramada, e por ser guia da minha vida em todos os aspectos, me provando a cada dia que nada é impossível.

A minha família, meus pais, Carlos Roberto e Iedja Santos, e meu irmão, Mateus Santos, pela dedicação, pelas orações, pelas palavras de ânimo e despertamento, pelo apoio e incentivo, e pelos sacrifícios.

Aos meus amigos de turma, dos quais cito: Érica, Leandro, Mayara, Clauden, Suzany, Gilvando, Mercia, Núbia, Socorro, Isabel, Cristiane, Ana e Claudeana; pelos momentos de estudo, conversa e descontração, que por muitas vezes não eram tão distintos, e que hoje e sempre serão lembranças de bons tempos de curso.

Aos Professores do curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, por cada aula, cada ensinamento, cada fala, e por cada direcionamento, e ainda pelos trabalhos e pelas pesquisas, e pela compreensão quando necessário.

Ao Professor Agnaldo Barbosa dos Santos, pela grande contribuição a minha formação e por ter não só acreditado no meu trabalho, mas também, pela orientação e incentivo.

A todos que de forma direta ou indireta participaram da concretização desse sonho,
MUITO OBRIGADO.

"Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes."

C. S. Lewis

RESUMO

SANTOS, Steferson Silva. **Tribos urbanas: apropriações e formas de uso do espaço urbano no Município de Campina Grande – PB**. 2011. Monografia (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB. Campina Grande-PB, 2011.

As tribos urbanas são fenômenos sociais característicos que configura nos grandes centros urbanos como: Londres, Nova York, Tóquio, entre outros. Formadas por pequenos grupos sociais estruturados por indivíduos em sua maioria jovens e adolescentes, que compartilham de comportamentos e ideologias comuns, caracterizados pela procura de identidade, valorização individual, aceitação social e novas formas de expressão. Diante do exposto, esta pesquisa tem como objeto de estudo as tribos urbanas, no domínio das representações da cultura do tribalismo e o seu desempenho em terras campinense. Uma investigação, de caráter exploratório, com a coleta de materiais realizada, através de encontros com os praticantes, que subsidiou a análise que explicitou o processo de agregações sociais geradoras de diferenças na realidade do cotidiano, o que contribuiu para as respostas às questões da pesquisa, através dos objetivos estabelecidos, tendo por objetivo geral: Analisar a produção do espaço urbano, a partir das formações de território e das modificações da paisagem, por estas tribos, na área urbana do município de Campina Grande, no estado da Paraíba; e por objetivos específicos: Explicar o fenômeno das tribos urbanas frente à grande dimensionalidade das instituições e do Estado, em relação a formação de agrupamento cultural que torna possível a vivência comum, a criação de signos, hábitos particulares em diferentes espaços, em Campina Grande; identificar as formações tribais urbanas que mais se destacam na cidade, e mapear os espaços que se destacam pela existência de alguma forma de apropriação e interferência espacial; traçar um perfil dos indivíduos que as compõem, frente às manifestações e expressões sociais dispostas por elas, abordando também a relação existente entre os indivíduos que as compõem e o espaço. Compreendendo a potencialidade desses grupos, na dinâmica sócio-espacial da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tribalismo, Território, Paisagem, Centros Urbanos.

ABSTRACT

SANTOS, Steferson Silva. **Urban Tribes: appropriation and usage of urban area in the city of Campina Grande - PB**. 2011. Monograph (Graduation). Full Degree in Geography course. CEDUC / UEPB. Campina Grande-PB, 2011.

The urban tribes are social phenomena characteristic that sets in large urban centers such as London, New York, Tokyo, among others. Comprised of small social groups structured by mostly young people and teenagers, who share common behaviors and ideologies, characterized by the search for identity, valuing the individual, social acceptance and new forms of expression. Given the above, this research has as its object of study, urban tribes in the area of representations of the culture of tribalism and your performance on land campinense. A research, exploratory, with the collection of materials was carried out through meetings with practitioners, which subsidiuo the analysis that explained the process of social aggregations that generate differences in the reality of everyday life, which contributed to the answers to research questions through the objectives set, having the overall goal: To analyze the production of urban space, from the formation of land and changes the landscape for these tribes, in the urban area of the city of Campina Grande, Paraíba state; and specific objectives: Explaining the phenomenon of urban tribes against the high dimensionality of the state institutions and in relation to the formation of cultural grouping that makes possible the common experience, the creation of signs, particular habits in different spaces, in Campina Grande; identify the urban tribal formations that stand out in the city, and map the areas that are characterized by existence of some form of ownership and spatial interference; draw a profile of the individuals who compose it, in the face of social manifestations and expressions arranged for them while also addressing the relationship between the individuals who make up and the space. Understanding the potential of these groups, in the socio-spatial dynamics of the city.

KEYWORDS: Tribalism, Territory, Landscape, Urban Centers.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - 6° Campina Grande Motofest, Parque do Povo, 2011.....	38
FOTO 2 - Os hippies da Praça Clementino Procópio em Campina G.....	40
FOTO 3 - <i>Halfpipes</i> do Parque da Criança, Campina Grande.....	41
FOTO 4 - Membros da tribo dos skatistas na <i>halfpipes</i> do Parque da Criança, CG.....	42
FOTO 5 - Apresentação de <i>rap</i> , Projeto Ação Hip Hop – CG, 2011.....	43
FOTO 6 - Oficina de <i>breakdance</i> , Projeto Ação Hip Hop – CG, 2011.....	44
FOTO 7 - Grafite feito na lateral do antigo Cine Capitólio.....	44
FOTO 8 - Cosplayers no Boulevard Shopping Campina Grande.....	46
FOTO 9 - 6° Encontro Nipon Campina Grande.....	47

LISTA DE IIMAGENS

IMAGEM 1 -	Localização das manchas das tribos urbanas, na área urbana de Campina Grande.....	49
IMAGEM 2 -	Localização dos espaços utilizados pelas tribos urbanas para a realização de eventos, Campina Grande.....	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Lista de Moto Clubes de Campina Grande.....	37
-------------------	---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	Media de idade dos indivíduos que compõem as tribos urbanas.....	52
GRÁFICO 2 -	Tempo de participação na tribo.....	55

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Mapa da localização geográfica do município de Campina Grande - PB.....	29
FIGURA 2 -	<i>Hells Angels Motorcycle Club</i> , fundado em 1948.....	36
FIGURA 3 -	<i>Hippies</i> no festival de música de Woodstock, 1969.....	39

LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
IFPB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
SESC	Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	TRIBOS URBANAS	18
2.1	CONCEITO E ORIGEM.....	18
2.2	DO INDIVIDUALISMO A GLOBALIZAÇÃO.....	21
2.3	TRIBOS URBANAS E O ESTUDO GEOGRÁFICO.....	23
3	CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE	27
3.1	SÍNTESE HISTÓRICA.....	27
3.2	LOCALIZAÇÃO E ACESSO.....	28
3.3	ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS.....	30
3.4	SOCIEDADE E CULTURA.....	32
4	AS TRIBOS URBANAS E SUA DINÂMICA ESPACIAL	35
4.1	IDENTIFICANDO AS TRIBOS URBANAS PRESENTES EM CAMPINA GRANDE.....	35
4.1.1	Os Moto Clubes	36
4.1.2	Os Hippies	38
4.1.3	Os Skatistas	40
4.1.4	Os Hip Hoppers (Rappers, Breakdancers e Grafiteiros)	42
4.1.5	Os Otakus	45
4.2	ESPACIALIDADE DAS TRIBOS URBANAS EM CAMPINA GRANDE.....	48
4.3	AS TRIBOS URBANAS DE CAMPINA GRANDE.....	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	

1 - INTRODUÇÃO

As tribos urbanas são grupos parcialmente organizados, formados por indivíduos que se relacionam pelo comungar cultural de símbolos, rituais e elementos expressos por meio de valores, ideologias e estilos de arte, música, lazer, esporte, dança, moda e vida, característicos de determinado espaço ou momento histórico. Ao contrário dos grupos formados por indivíduos que estão ligados por alguma prerrogativa contratual, as tribos urbanas são detentoras, num contexto social, de normas e formas de expressões comportamentais específicas, como também suas configurações que remetem a relação e inserção na dinâmica sócio-espacial dos centros urbanos se dão de forma particularizada. Sendo elas a fonte de identidade e referência para os indivíduos que as compõem. Considerando a potencialidade desses grupos, como agentes sociais, intensificada na relação intra-social, agregando ao espaço novas funcionalidades, significados e formas, temporárias ou não.

Diante do exposto, o presente trabalho, objetiva, analisar a produção do espaço urbano, a partir das formações de território e das modificações da paisagem, por estas tribos, na área urbana do município de Campina Grande, no estado da Paraíba. Tendo por específico: Explicar o fenômeno das tribos urbanas frente à grande dimensionalidade das instituições e do Estado, em relação à formação de agrupamento cultural que torna possível a vivência comum, a criação de signos, hábitos particulares em diferentes espaços, em Campina Grande; identificar as formações tribais urbanas que mais se destacam na cidade, e mapear os espaços que se destacam pela existência de alguma forma de apropriação e interferência espacial; traçar um perfil dos indivíduos que as compõem, frente às manifestações e expressões sociais dispostas por elas, abordando também a relação existente entre os indivíduos que as compõem e o espaço.

Dispondo como fatores que motivaram esta pesquisa: o fascínio pela pluralidade cultural existente nos centros urbanos, impulsionada pela globalização e pelo avanço da tecnologia da comunicação e informação; à procura de compreensão da dinâmica desses pequenos grupos que apesar do gigantismo de algumas instituições, se difundem pelo globo, surgindo em centros urbanos como em Campina Grande; e a vivência, o experimento da participação *in loco* que outrora ocorrera informalmente e do olhar empírico do fenômeno durante os últimos anos.

Para a realização desta pesquisa foi utilizada uma abordagem multimetodológica. Frente à concepção de que não há um método particular que venha a ser mais adequado, entendendo que existiram arestas que não serão preenchidas, sendo benéfica a compensação gerada pela múltipla aplicação metodológica (IGLESIAS; ALFINITO, 2006),

levando em consideração aspectos pertencentes à pesquisa descritiva, a partir de uma abordagem tanto qualitativa, quanto quantitativa (SILVA; MENEZES, 2001), não desconsiderando a importância presente no aspecto social, econômico e cultural das formações tribais para a cidade de Campina Grande. Havendo, dessa forma, a possibilidade de uma leitura mais ampla e dinâmica do alvo da pesquisa.

No processo de produção desta pesquisa foram utilizadas diversas fontes, que abrangem não só o que é produzido cientificamente por geógrafos, mais também por sociólogos, antropólogos e historiadores. Dentre o material teórico utilizado estão livros de autores conceituados, teses, e artigos, além de sites e *blogs* de conteúdo específico e confiável. O debruçar sobre todo o material levantado, por meio de leituras, análises e ponderações, foi parte do procedimento metodológico empregado, tendo em vista, fundamentação científica do fenômeno do tribalismo urbano. Além disto, foi realizada a observação *in loco*, corroborada com o registro fotográfico e a realização de pequenas filmagens.

Como também foi feita aplicação de 56 questionários distribuídos igualmente entre as sete tribos selecionadas, sendo oito questionários aplicados por tribo. E ainda foi realizada a entrevista de um representante de cada tribo, totalizando sete entrevistas. Tendo por objetivo delinear um perfil dos indivíduos que compõem as tribos urbanas, como também, coletar informações que servissem de arcabouço para o referencial adotado, dispondo diretamente a fala dos indivíduos abordados, visando não comprometer a pesquisa.

Esta pesquisa traz em um primeiro momento, como parte de sua fundamentação teórica, uma apresentação pertinente acerca do tribalismo urbano, considerando a conceituação dessa forma de cooptação social exclusivamente urbana, trazendo ainda, através de um breve histórico, a origem desse fenômeno. Em seguida, ainda neste primeiro momento, apresenta uma reflexão quanto à relação de antítese entre o tribalismo e o individualismo, característico da modernidade, como fator condicionante para as formações das tribos urbanas, como também aborda a relação do tribalismo frente à globalização e a uma dita sociedade composta por sujeitos pós-modernos. Finalizando esta parte inicial, aprecia o fenômeno do tribalismo urbano e sua relação com o espaço urbano, a partir da perspectiva do estudo geográfico, considerando as categorias: espaço, território e paisagem.

No segundo momento, detém-se em caracterizar o espaço da pesquisa, que é a cidade de Campina Grande, localizada no estado da Paraíba, buscando explicar os fatores que fazem com que a mesma se apresente propícia a formação e indexação desses grupos em seu contexto urbano. Esta parte apresenta uma caracterização histórica e geográfica do município, por meio, primeiramente, de uma síntese histórica, considerando, em seguida,

fatores como localização e acesso. Trazendo também, uma apreciação das informações fundamentais acerca dos aspectos socioeconômicos e socioculturais, que dispõem a cidade como centro de influência e convergência para a região.

Em terceiro, buscou-se identificar as formações tribais urbanas que mais se destacam em Campina Grande, sendo elas: os Moto Clubes, os hippies, os skatistas, os *hip hoppers* (*rappers*, *breakdancers* e grafiteiros) e os otakus. Dispondo sobre cada uma delas uma breve contextualização acerca de sua origem e sobre sua dinâmica na cidade. Apresentado, em seguida, um mapeamento dos espaços que se destacam pela presença de formações territoriais ou pela interferência na paisagem urbana, quer sejam ambas, contínuas ou periódicas, por estes grupos sociais. Trazendo ainda, uma análise dos dados e das informações coletadas, buscando traçar um perfil dos indivíduos que compõem essas tribos, frente às manifestações e expressões sociais dispostas por elas, abordando também a relação existente entre os indivíduos que as compõem e o espaço.

2 - TRIBOS URBANAS

2.1 - CONCEITO E ORIGEM

O termo “tribo” é aplicado para caracterizar formações sociais detentoras de uma forte identidade cultural, organizadas a partir de corporações de pessoas que compartilham, de forma biológica ou simbólica, uma ligação de parentesco e linhagem advinda de um ancestral comum, podendo este ser natural ou estipulado simbolicamente. Essa terminologia é comumente utilizada em referência a comunidades indígenas e clãs. Etimologicamente a palavra “tribo” deriva do latim *tribus*, que se aplicava na caracterização étnica e política, dos povos latinos, etruscos e sabinos, que deram origem ao estado de Roma na antiguidade.

As formações tribais, ou tribalismo, presentes nos centros urbanos, diferem da estrutura social existente nas sociedades tribais tradicionais, passando a desempenhar uma dinâmica social particularizada. Esses agrupamentos urbanos, comumente denominados de “tribos urbanas” ou “neotribalismo”, estão como fragmentos de uma sociedade pré-existente, sendo formados por redes de indivíduos, em sua maioria jovem e adolescente, detentores de características distintas, no tocante de comportamento, ideologia e expressão, em busca de uma identidade própria, se diferenciando das condições culturais predominantes.

É primordial ressaltar que a noção de tribalismo urbano está para a condição de metáfora e não de categoria, visando compreender todas as características constitutivas dessas novas formas de cooptações entre indivíduos dentro da sociedade (FREHSE, 2006). Dispor o estudo do fenômeno das tribos urbanas como metáfora, traz a possibilidade de delimitação temática sem a necessidade de imposição de um enquadramento específico, como também a liberdade de resgate e emprego do sentido original, o que não seria possível se o mesmo fosse disposto como categoria.

Ao analisar a utilização do termo tribos urbanas como categoria ou metáfora, Magnani (1992) explica que a categoria: “[...] é construída para recortar, descrever e explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual previamente escolhido [...]” (p.48), o mesmo expõe ainda que a metáfora: “[...] evoca o contexto original ao invés de estabelecer distinções claras e precisas no contexto presente [...]” (p.49). Dessa forma as tribos urbanas como categoria seriam algo específico, e como metáfora, estariam para várias concepções, evocando mais do que recortando.

Maffesoli (2000), sociólogo francês pioneiro no estudo deste fenômeno, dispõe que estes são resultantes da busca por um ligamento emocional comunitário oposto ao individualismo presente na sociedade pós-moderna, apregoadado desde o século XVI com a

reforma e consolidado com o iluminismo no século seguinte, como projeto da modernidade. Essa forma de cooptação faz com que o indivíduo passe a fazer parte de algo mais profundo e particular, contrário a superficialidade das relações e experiências dispostas pela massificação e a solidão dos grandes centros urbanos. Com isso o tribalismo urbano segundo Magnani (1992, p.50): “[...] permitiria agrupar os iguais, possibilitando-lhes intensas vivências comuns, o estabelecimento de laços pessoais e lealdades, a criação de códigos de comunicação e comportamentos particulares”.

Frente a um contexto social complexo e de crescente impessoalidade, as tribos urbanas representam a materialização do anseio essencial dos sujeitos pela vivência e a experiência do estar em coletividade, mesmo que não esteja fundamentada historicamente pelo tempo ou possua um mito particular sobre a sua criação. O tribalismo como fenômeno social, não compreende unicamente a uma nova ou diferente forma de agrupamento de indivíduos na sociedade. Isto permite focalizar Cardoza (2003, p.4) ao afirmar que:

[...] os fenômenos das Tribos Urbanas são mais do que uma simples transformação na organização dos sujeitos, pois enceram-se como uma mudança real na estruturação das constituições de subjetividades e complexidades de toda uma sociedade pós-moderna, o que exige novas maneiras de se pensar e repensar tais atores sociais enquanto sujeitos contemporâneos.

É importante destacar essas práticas, contextualizando em formas de eventos, que podem ser identificados como sub-cultura juvenil, por tratar de algo que ocorre majoritariamente entre os adolescentes e os jovens, oferecendo a estes, algo que está fora ou se desvia do que é imputado por instituições sociais como casa, trabalho e escola. Segundo Costa (2001) a inserção e participação dentro das tribos possibilita aos jovens, por meio da vivência, a experiência impulsiva dos momentos e relacionamentos, como também a concepção de espaços e a geração de uma expressividade identificatória, por meio de uma via simbólica. No entanto, as tribos urbanas não podem ser caracterizadas como fenômeno exclusivamente vinculado a juventude, pois é comum a presença ativa de indivíduos que já estão na fase adulta. Conforme explicita Cardoza (2003, p.2): “[...] o fenômeno das tribos, pode não apenas ser de um todo observado no universo jovem, porém é neste universo que ele mais se perpetua”.

A concepção de tribalismo não está focada na questão do “ser jovem”, pois isso nos remeteria a uma gama de manifestações dispostas por um único denominador, pois, trata-se de comportamento e da particularidade da relação desses grupos com o próprio espaço, sua inserção na paisagem urbana e a territorialização dos espaços. As tribos urbanas representam a capacidade cultural multifacetada do indivíduo predominantemente urbano, frente a sua maior propiedade a absorção e criação de novos modelos identitários. Araújo

(2003 p.13) apresenta que: “A formação de tribos urbanas parece ser um movimento claro de preservação cultural e criação de uma simbologia que permite ao ser humano situar-se no mundo de forma mais objetiva”. Sendo assim, esses grupos, frente uma extrema valorização da dimensionalidade econômica, e, conseqüentemente, uma notável precariedade do que é simbólico, para as formações de identidade, estão dispostos como uma ação direta de conservação cultural, gerando algo simbólico de forte valor, que permita ao indivíduo encontrar-se no mundo de forma prática e participativa.

O tribalismo urbano tem sua gênese na busca pelo resgate das identidades e tradições, por muito sufocadas pelo intenso processo de urbanização e pela modernidade. Esse fenômeno tem como espaço de origem as grandes cidades, detentoras de núcleos industriais imponentes e de centros financeiros de influência, conhecidas atualmente como metrópoles. Conforme Mesquita e Maia (2007, p.128) a origem das primeiras tribos urbanas, a exemplo dos Moto Clubes, em muito, é associada aos movimentos contracultura de entre e pós-segunda guerra mundial, durante a década de 1940, e também ao surgimento do *Rock and Roll* na década de 1950.

A contracultura está disposta como movimento que se nega a aceitar os ideais da cultura ocidental, questionado seus padrões de normas e regras sociais, que começava a se propagar pelo mundo, graças o desenvolvimento da tecnologia da comunicação e da informação. Com base nesse movimento, varias formas de tribalismo urbano emergiram entre as décadas de 1960 e 1970, dentre elas se destacam os hippies, os skatistas e os *hip hoppers* que marcaram o auge da contracultura no mundo, ambos pela enorme notoriedade dos seus movimentos e ideários.

Até a década de 1990 dezenas de tribos urbanas surgiram em determinadas metrópoles, mas poucas tiveram fôlego de se propagar pelas demais metrópoles e grandes cidades do mundo, nesse período a tecnologia se tornava cada dia mais presente na vida do ser humano, e o mundo virtual já era uma realidade para muitos. Nesse contexto, novas formas de tribalismo urbano começaram a nascer, e agora não só em metrópoles ocidentais, mas também nas orientais, como os otakus. Segundo Barral (2000, p.21), os otakus seriam: “[...] os primeiros ancestrais do *Homo virtuens* [...]”, graças aos seus interesses impulsivos pela tecnologia e pela chamada multimídia.

O surgimento de novas formações tribais não cessa, pois graças à volatilidade desse fenômeno, é uma questão de tempo que, em determinados espaços urbanos, novas tribos venha surgir, geradas a partir de novos ideários e expressões sociais, ou ainda como resultado da mutação de uma tribo urbana já existente. Que impulsionadas pelo atual e crescente avanço das tecnologias da comunicação e informação, no que se refere também à acessibilidade a estes, rapidamente poderiam ser encontradas em outros centros urbanos.

2.2 - DO INDIVIDUALISMO A GLOBALIZAÇÃO

O tribalismo urbano, assim como já foi explicitado, possui como características essenciais: a geração de grupo, a formação de alianças e desenvolvimento de vínculos; contrário ao ideário individualista. Sendo algo característico da sociedade contemporânea, o individualismo não é algo recente, sua intensificação na atualidade se deu pelo incremento das ambições e pretensões particulares, tendo por objetivo a concretização dos projetos pessoais. A satisfação pessoal, ou, em algumas exceções, dos que detêm uma ligação mais íntima de convivência cada vez mais tem se tornado o centro da existência, logo uma possível “[...] preocupação com os anseios da sociedade em geral é ignorada pela sociedade onde a valoração é voltada para o indivíduo” (CAVALCANTE, 2004, p.52).

O individualismo, como também, todas as outras características da modernidade, constitutivas da sociedade de massas, são o alvo da contrariedade disposta por esses pequenos agrupamentos detentores de características acentuadamente diferenciadas. As tribos urbanas segundo Frehse (2006, p.15):

Seriam essencialmente "micro-grupos" que, forjados em meio à massificação das relações sociais baseadas no individualismo e marcados pela "unissexualização" da aparência física, dos usos do corpo e do vestuário, acabariam, mediante sua sociabilidade, por contestar o próprio individualismo vigente no mundo contemporâneo.

A partir de um recorte histórico, temos com a reforma protestante, o início do ideário de mundo moderno, sendo disposta por Lutero e Calvino em 1560, a conclamação da valorização do indivíduo, frente à implementação da ideologia da livre agência, de um relacionamento pessoal com uma autoridade absoluta e a disposição de que a salvação estaria na relação do indivíduo com o mundo, e não só com o divino. No entanto, Mesquita e Maia (2007, p.128) apresentam que: “[...] a autonomia ou indivíduo autônomo, ambas presentes em Descartes, na reforma e no iluminismo”, atestando-as como parte da concepção inicial de individualismo. Assim sendo, observa-se que foi por meio unicamente do cristianismo que nasceram os pressupostos para o individualismo presente na sociedade contemporânea.

Consolidada pela revolução industrial, que desencadeou um desenvolvimento constante e incansável, e associada ao desenvolvimento do capitalismo, em sua constante perseguição pelo progresso; tem-se na Modernidade o firmamento do individualismo, com o Iluminismo, enfatizando o poder da razão, a concepção do sujeito individual e concreto. Segundo Araújo (2003), atualmente habitamos em um mundo conhecido, culturalmente,

esteticamente e socialmente, como Pós-moderno, no qual pluralidade de interpretações e visões de mundo se multiplicam e se espalham.

Apesar das divergências acerca do seu significado e atribuição, a pós-modernidade, distingui-se por forma e composição, apresentado intrinsecamente alterações culturais e sociais, “[...] resultantes do triunfo do capitalismo sobre o socialismo real, e do declínio de um individualismo hegemônico, da modernidade fundada na máxima da razão, e nos princípios iluministas” (CARDOZA, 2003, p.2). Considerando-a como uma categoria histórica que rompe, ou supera, com a modernidade, a pós-modernidade está como grupo de valores que guiam a produção cultural atual, ocasionados principalmente pela globalização. Dentre estes valores, segundo Silva (2008, p.1), estão: a pluralidade, a fragmentação, a desreferencialização e a entropia, e o consentimento de todos os estilos e estéticas, visando à compreensão de todas as culturas como “mercados consumidores”.

A perspectiva exclusiva e invariável de uma concepção que possa ser aplicada de forma favorável a toda a humanidade, não existe mais, levando ao nascimento de diversos pequenos grupos voláteis. Tal como descreve Maffesoli (2000, p.28), afirmando que:

Assistimos agora à passagem da identidade para as identificações múltiplas. É essa passagem que me parece fundar o nascimento de formas tribais de existência [...] Aqui, onde nós deveríamos pensar em nós mesmos, vemos constituir-se pequenas entidades sectárias, fanáticas, opondo-se umas às outras.

Desde os primórdios da ciência o ser humano é classificado como um ser social, por mais que este, em sua vivência de relações como sujeito pós-moderno, aparente um maior individualismo, as relações sociais são essenciais para sua existência e compreensão. Hall (2005) explica a concepção de sujeito pós-moderno, dispondo que este não possui uma identidade estabelecida, fundamental e inalterável, mas passa a assumir uma identidade diferente a cada momento e possibilidade, que com a multiplicidade dos símbolos e das representações culturais, maior é a gama de identidades possíveis.

A globalização traz a este sujeito pós-moderno a valorização da pluralidade, por meio da multiplicidade das coisas, das formas e vivências, catalisando as possibilidades para um nível global, sendo conforme Cavalcante (2004, p.47) “[...] o estado atual da hegemonia capitalista e a idéia de indivíduo nesse estado é a de ser mundial, não genérico”. Que em contra partida potencializa as possibilidades de massificação, dispondo o mundo como grande mercado de consumo

Nas últimas décadas com o avanço do processo de globalização e o acelerado desenvolvimento da tecnologia, possibilitou aos meios de comunicação uma maior abrangência, aumentando o nível de acessibilidade às informações, e dessa forma interconectando os locais, gerando modificações a níveis globais. Assim como expõe

Giddens (1990) *apud* Hall (2005, p.15) ao afirmar que “[...] à medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra”. Essa interconexão possibilitou que o fenômeno do tribalismo urbano se difundisse, partindo das grandes metrópoles para centros urbanos menores, encontrando nesses centros sujeitos pós-modernos dispostos a vivêncialá.

Com a desenvoltura da globalização, a dinâmica social dos sujeitos pós-modernos, faz corroborar com Maffesoli (2000, p.62) que afirmar que as cidades “transformaram-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que os habitam, substituíram as aldeias, lugarejos, comunas e cantões de antigamente”. Nos ajuntamentos urbanos, quer sejam metrópoles ou cidades locais, são claramente evidenciados as dessemelhanças culturais, dispostas pelos mais diversos grupos sociais.

2.3 - TRIBOS URBANAS E O ESTUDO GEOGRÁFICO

As tribos urbanas são parte integrante da totalidade do espaço geográfico dos centros urbanos, posto que as mesmas, em sua dinâmica, possuem dimensão geográfica, aja vista, a possibilidade de abordagem dessas, por meio de suas categorias. Com isso torna-se possível compreender que o tribalismo urbano não está desconectado do espaço, estando ligado ao imaginário e a materialização, sendo capaz, como resultado das ações sociais, de formar territórios e interferir na paisagem.

A Geografia como campo do conhecimento científico, dispõe de objetivos comuns a outras ciências, estando colocada em uma intersecção entre as ciências naturais e as ciências humanas, se consolidando como disciplina que tem por objetivo discutir acerca da importância das relações entre o ser humano e o meio na constituição espacial. Assim como dispõe Suertegaray (2001) ao descrever que

[...] a Geografia como área de conhecimento sempre expressou (desde sua autonomia) sua preocupação com a busca da compreensão da relação do homem com o meio (entendido como entorno natural). Neste sentido ela se diferenciou e se contrapôs as demais ciências, que por força de seus objetos e das classificações, foram individualizadas em Ciências Naturais e Sociais. Este paradoxo acompanha a Geografia, ainda que hoje possa ser seu privilégio.

Dessa forma, tem-se na análise da relação do homem com o meio, o objeto da Geografia, frente ao paradoxo da perspectiva física ou humana. No entanto, Santos (2002)

adverte que, para o estudo da Geografia, só reconhecimento de um objeto não é o suficiente, fazendo-se necessário atribuir a este suas categorias essenciais. A categorização, como ato de atribuir categorias, compõem uma fundamentação estável, dispondo-se para a teorização, como norte constante. Segundo ele o alcance de bons resultados se daria a partir das atenções voltadas para a categoria: espaço. Estando para o espaço, em sua origem, funcionamento e desenvolvimento, o interesse primordial da Geografia.

Tendo o espaço como categoria geográfica principal, visando o desenvolvimento de uma análise geográfica, faz-se necessário conceitualizá-lo. Santos (1994, p.28) define epistemologicamente o espaço como sendo: “[...] nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho”. A formação do espaço está para conjunto indissociável, solidário, e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2002). O espaço não é constituído de objetos e ações aleatórias e desconectas, sendo a resultante de um complexo destas.

O espaço geográfico, segundo Rocha (2008), está disposto como resultante da atuação da humanidade sobre a natureza, composto como um princípio de ações, gerando objetos técnicos, que modificam não só a natureza, mas também a sociedade. Assim sendo, o espaço consistiria em um grupo de configurações, constituídas a partir do movimento das relações entre os objetos naturais e os objetos sociais, com a sociedade que se movimenta, associados à mediatização do trabalho. O que nos leva ao tribalismo urbano, que possuindo um conjunto de elementos instrumentais e sociais, que formam a intermediação realizada pelo trabalho, desempenham por meio da vivência, como agentes sociais, sobre o meio, os centros urbanos, abrangendo todos os aspectos considerados constitutivos do espaço praticado.

Frente à existência de várias culturas, grupos e estilos de vida, a apropriação, de cada qual, de uma parte do espaço se dá a partir da agregação, por meio das ações e pensamentos, de formas e funções, se utilizando dos elementos instrumentais e sociais, organizando-os conforme suas concepções e necessidades. A análise geográfica dos fenômenos sócio-espaciais ocasionados pela tribalismo urbano ou por qualquer manifestação cultural, detentores ou ocupantes de determinados espaços, nos remete ao conceito de território, que por causa dos pequenos limites existentes entre as categorias geográficas, por muitas vezes é confundido com o de espaço.

A gênese do território ocorre posterior ao espaço, de forma que nenhum território existe sem que haja a apropriação espacial, por meio de um ou mais agentes, ou sem

nenhuma finalidade. Sendo o território um espaço territorializado, assim como apresenta Raffestin (1993, p.143), ao dispor que:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.

Dessa forma entende-se que, haverá uma prática proposital que ditara a nova formulação espacial, formando o território, onde conforme Feldhaus (2006, p.6):

Ao se apropriar de um determinado espaço a sociedade transforma-o em território, onde passa a estabelecer relações de poder sobre a base física. Esse processo de territorialização é mediado pelas práticas sociais que controlam, gerenciam e atuam ativamente sobre o território. Entretanto percebe-se que o território envolve não só uma relação de poder e posse sobre um espaço, mas há nessa unidade físicas dimensões subjetivas, onde o indivíduo expressa um elo muito forte com o ambiente onde vive, conferindo-lhe outros significados.

Com a apropriação de um espaço específico por determinado grupo social, esse espaço transforma-se em um território, havendo por parte desse grupo uma relação de poder com esse espaço, não caracterizando unicamente sua territorialização, pois está ainda pode esta ligada a uma relação simbólica ou de identidade.

Conforme Leal e Fonseca (2009), a partir de uma perspectiva materialista, o território possuirá múltiplas concepções: naturalista, econômica, política e cultural. Segundo ambos, a concepção naturalista dispõe que o território é um fragmento do espaço apropriado por determinada sociedade, onde os indivíduos que a compõe disporão de condições e meios naturais para a vivência; já na concepção econômica o território é compreendido como o fundamento espacial onde estão distribuídos os objetos, as formas e as ações que foram erguidas pelos agentes sociais, conforme os preceitos do modo de produção segundo cada período histórico; diferentemente, na concepção política o território é tratado como a área geográfica de um Estado; e por fim, na concepção cultural o território é o espaço das vivências, palco das relações entre os sujeitos, e da relação destes com o espaço, através da atribuição simbólica.

Para Haesbaert (2004) o território teria três significados, o primeiro seria um território político, baseado no poder, sendo este um espaço demarcado e controlado; o segundo consistiria em um território econômico, um espaço delimitado pela potencialidade de recursos, agregada a relação entre o capital e o trabalho; e em terceiro o território cultural que estaria como resultante de uma apropriação espacial no campo simbólico.

A partir das concepções de território apresentadas, a análise da apropriação e dominação espacial promovida pelas tribos urbanas esta disposta através da dimensão simbólica da territorialização dos espaços. Existindo sim um sentido de poder sobre o espaço, mas não só no que se refere à dominação, estando também voltado para representatividade, o simbolismo que circunda a apropriação.

Com a territorialização dos espaços por meio da técnica e do trabalho, ao longo do tempo, têm-se a modificação destes, afetando as paisagens sociais, culturais e/ou naturais preexistentes em determinados espaços. Dessa forma o espaço estaria em constante modificação e por meio da paisagem é que nós observamos estas modificações. Santos (1994, p.61), define paisagem como sendo: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

No entanto, mesmo sendo a paisagem um domínio do visível, existe algo em seu interior, um conteúdo, cujo ser humano só assimila o que está exteriorizado, sendo necessário para alcançar a paisagem propriamente, ultrapassar esse exterior. Segundo Moreira (1994, p.50): “[...] a paisagem no seu todo é o registro das tensões, sucessos e fracassos da história de uma sociedade. Nela encontramos todas as marcas da evolução histórica de um povo”. Com isso, encontramos nos centros urbanos por meio da paisagem, as representações das tribos urbanas, aja vista, sua potencialidade de interação e modificação dos espaços da cidade, por meio de suas formas e normas de expressões e interação.

Sendo assim, ler a paisagem urbana que é resultante da ação do tribalismo, conforme Bessé (2006, p.92): “[...] é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias”. É ver o que está além do visível, é por meio da leitura da paisagem, decifrar os códigos e interpretar as configurações, identificando os espaços apropriados e as formas de uso destes, a partir da dinâmica de cada tribo.

São os princípios lógicos: localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala, que de acordo com Moreira (2007), instituem o espaço, por nele estarem presentes também, sendo responsáveis pelos deslocamentos realizados entre as categorias: paisagem, território e espaço. Deste modo, analisar geograficamente um determinado fenômeno, no caso desta pesquisa as tribos urbanas, significa o descrever na paisagem e o analisar em termos de território, a fim de compreendê-lo espacialmente

3 - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE

3.1 - SÍNTESE HISTÓRICA

Campina Grande é a segunda cidade mais importante do estado e uma das mais antigas da Paraíba. Sua colonização se deu no ano de 1697 com o aldeamento dos índios Ariús, povo indígena descendente dos povos Tapuias. Esse aldeamento se deu por comando do Capitão-mor Teodósio de Oliveira Lêdo, que em passagem pela Borborema a caminho da capital, acompanhado dos índios Ariús, decidiu parar em um ponto espaçoso e de campo verde para descanso e ali dispor um aldeamento com os índios Ariús (NÓBREGA, 1976).

A aldeia composta pelos índios Ariús se tornou um ponto de passagem para boiadeiros e tropeiros, por localizar-se entre o litoral e o sertão. Com o passar de um ano o aldeamento já era povoado e era chamado de Campina Grande. Com o passar dos anos o povoado crescia e se desenvolvia lentamente, mas foi em 1769, ao se tornar Freguesia que passou a ter um maior desenvolvimento.

Campina Grande, em 6 de abril de 1790, torna-se vila, oficialmente conhecida como Vila Nova da Rainha, nome escolhido como forma de homenagem a Rainha Dona Maria I. No entanto o nome dado a vila não foi reconhecido pelos moradores e nem pelos viajantes, permanecendo ambos a nominar a vila de Campina Grande, usando o nome de Vila Nova da Rainha restritamente em textos oficiais e formais (MACÊDO; MACIEL, 2008).

De acordo com a Lei Provincial nº 173, no dia 11 de Outubro de 1864, Campina Grande é elevada a categoria de cidade, passando a deter um maior destaque na região e a sofrer algumas mudanças em seu espaço urbano, como o estabelecimento de pontos comerciais fixos, a construção de um mercado e de varias residências. No entanto essas mudanças, não caracterizavam um amplo desenvolvimento urbano da então cidade, pois esta ainda apresentava um espaço desorganizado com os limites existentes entre o urbano e o rural ainda imprecisos.

No fim do século XIX e início do século XX, Campina Grande começa a experimentar um intenso processo desenvolvimento econômico e social. Em 1907, com instalação da estrada de ferro na cidade, gerou-se um maior fluxo de pessoas e produtos, elevando a sua população. Como atividade comercial central, o algodão foi o principal responsável pelo crescimento da cidade atraindo comerciantes de varias regiões. Ainda de acordo com Macêdo e Maciel (op. cit.) até meados da década de 40, Campina Grande era conhecida

como Liverpool brasileira, pois era a segunda maior exportadora de algodão do mundo, perdendo apenas para a cidade inglesa de Liverpool.

Mesmo com o declínio na comercialização de algodão, a cidade manteve o seu ritmo de crescimento e desenvolvimento, em função da expansão do seu comércio, impulsionado pelo crescimento populacional. O sistema comercial de bens e serviços existente em Campina Grande é demasiadamente dinâmico, suprimindo as necessidades do mercado interno como também da região.

A cidade nos dias atuais é reconhecida não só por ser um ponto de fluxo de pessoas e por seu centro comercial, mas também por seus eventos culturais, que a inserem no cenário nacional de rotas turísticas; suas universidades, que a fazem ser reconhecida como cidade universitária; e nos últimos anos tem recebido destaque internacional no setor de informática e desenvolvimento de software.

3.2 - LOCALIZAÇÃO E ACESSO

O município de Campina Grande está localizado no interior do estado da Paraíba, na parte oriental do Planalto da Borborema, na mesorregião do Agreste Paraibano e microrregião de Campina Grande (ver figura 01). Limita-se ao norte com os municípios de Massaranduba, Lagoa Seca, Pocinhos e Puxinanã; ao sul com os municípios de Fagundes, Queimadas, Boqueirão e Caturité; a leste com os municípios de Ingá e Riachão do Bacamarte; e a Oeste com o município de Boa Vista.

A cidade de Campina Grande está localizada a aproximadamente 132 km da capital do Estado, João Pessoa. O município detém um amplo sistema rodoviário que a conecta com as principais cidades do Estado e da Região, fazendo com que a mesma esteja inserida na maioria das rotas entre o interior e o litoral. Os principais acessos podem ser feitos pela BR - 230 e pela BR - 104.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010), a cidade possui uma área de 621km², representando 1.0996% do território do Estado da Paraíba, 0.0399% do território da região Nordeste e 0.0073% de todo território brasileiro. O seu centro encontra-se entre as coordenadas geográficas 7°23' latitude Sul e 35°88' longitude Oeste de Greenwich. O município possui altitude media aproximada de 551m com relação ao nível do mar.

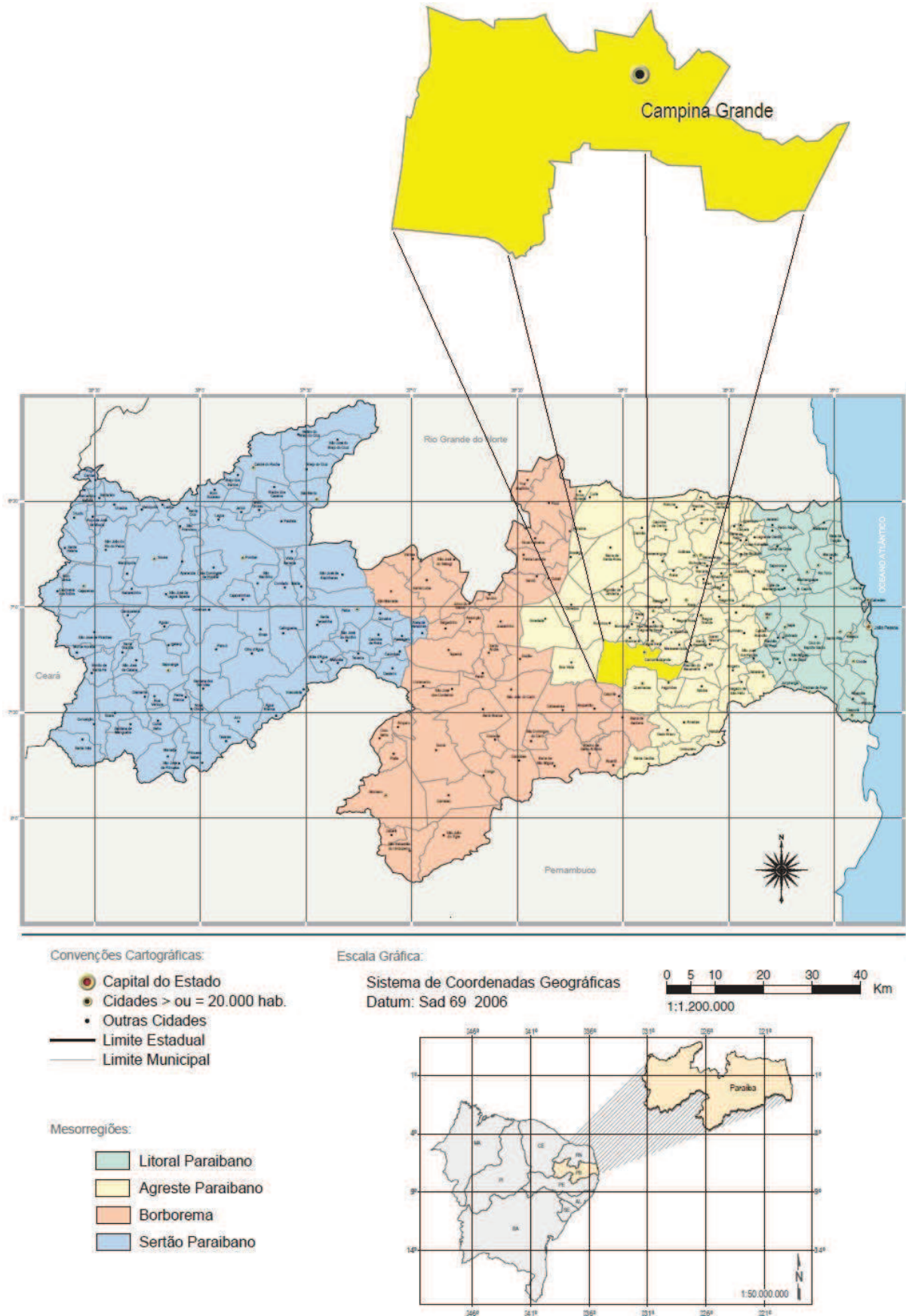


Figura 01: Mapa da localização geográfica do município de Campina Grande-PB.

Fonte: AESA, 2006. Adaptado por Steferson S. Santos. – 2011.

A região metropolitana de Campina Grande é formada por 23 municípios, sendo a maior zona metropolitana do interior nordestino e quarta maior zona metropolitana do interior brasileiro. Fazem parte do município os seguintes distritos: Catolé de Boa Vista, Galante e São José da Mata.

3.3 - ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

O município de Campina Grande é o segundo mais populoso da Paraíba, de acordo com o IBGE (2010), sua população é de 385.276 habitantes, com densidade demográfica de 620,78 hab./km², sendo 367.278 residentes na área urbana e 17.998 residentes na área rural. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.721, disposto no Atlas de Desenvolvimento Humano, conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/2000).

Ocupando a 129ª posição na lista brasileira de municípios em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), Campina Grande alcançou um PIB de 3,457 bilhões de reais, e PIB per capita de R\$ 9.065,75 (IBGE, 2008). Detendo o segundo maior PIB entre as cidades do interior do Nordeste, Campina Grande se destaca como um dos principais pólos industriais do Nordeste, e se projeta como pólo tecnológico no cenário internacional, sendo considerada uma das melhores cidades para se trabalhar e fazer carreira no Brasil.

Dentre as atividades econômicas desenvolvidas no município de Campina Grande as principais são: agropecuária, indústrias extrativas, indústrias de transformação, indústrias de beneficiamento, construção civil, comércio varejista e atacadista de alimentos, comércio de bens e serviços diversos, intermediação financeira e desenvolvimento de software para exportação. É importante salientar que todas as atividades econômicas desenvolvidas na cidade são beneficiadas pela sua localização geográfica, tendo em vista sua proximidade com a capital do Estado, João Pessoa, a Capital do Rio Grande do Norte, Natal, e a capital de Pernambuco, Recife; como também pela presença do cruzamento entre a BR104 e a BR230.

Desde o fim do século XX, com a chegada das grandes redes nacionais e internacionais de comercialização de alimentos e bens de consumo diversos, as feiras de Campina Grande vêm perdendo a sua força econômica no mercado local, mas não sua importância, diversidade e amplitude. Atualmente a cidade possui diversas feiras livres dispostas nos bairros e distritos, que funcionam semanalmente ou em um dia exclusivo da semana, suas principais feiras são: a Feira Central, a Feira da Prata e a Feira de Bodocongó.

Os shoppings, símbolos econômicos de uma sociedade globalizada e capitalista, estão presentes na cidade, e se destacam não só economicamente, mas por serem uma opção de lazer a sociedade. Os três principais e maiores shoppings de Campina Grande são: Shopping Boulevard Campina Grande, Shopping Cirne Center e o Shopping Luiza Motta. No entanto, estimasse que até 2014 dois novos shopping sejam inaugurados, estes por suas dimensões, assumirão a posição de maiores shoppings da cidade. Em Campina Grande encontramos inseridos no seu sistema comercial alguns hipermercados, filiais de gigantes redes comerciais de atacado e varejo do país e do mundo, como o Atacadão, pertencente ao Carrefour, e o Hiperbompreço, pertencente ao Wal-Mart.

O município apresenta um visível crescimento do mercado imobiliário, aja vista a presença de diversos condomínios verticais em construção na área urbana, que à medida que são erguidos modificam a paisagem da cidade. Outro fator que demonstra esse crescimento são as delimitações territoriais impostas pelos muros dos condomínios horizontais, cada vez mais presentes ao redor da cidade. Esse aquecimento do mercado imobiliário é uma resposta ao crescimento populacional e a uma ascensão econômica de parte da sociedade campinense.

Existem na cidade cerca de 3470 leitos hospitalares, distribuídos em 19 hospitais públicos e particulares, 93 unidades básicas de saúde, três centros de referência de saúde e uma unidade do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). O recém inaugurado Hospital de Emergência e Traumas de Campina Grande é o maior hospital da Paraíba, e foi projetado para atender pacientes não só do município, mas também de outros 140 municípios da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Segundo dados do IBGE (2010) Campina Grande em sua rede pública de ensino possui aproximadamente 66.000 alunos matriculados no ensino de nível fundamental, distribuídos em 54 escolas estaduais e 123 escolas municipais; e aproximadamente 16.000 alunos matriculados no ensino de nível médio, distribuídos em 31 escolas estaduais e uma escola federal, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB), que também é uma unidade de ensino Superior e Técnico.

Na cidade encontram-se dois campos universitários públicos, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ambas atraem estudantes oriundos de diversas partes do país, interessados em ingressar em um dos diversos cursos superiores oferecidos. Campina Grande conta ainda com mais 11 instituições particulares de ensino superior, que abrangem cursos nas áreas de saúde, tecnologia, educação, entre outras. Os estudantes que residem no município durante o período que realizam sua graduação, trazem um beneficiamento econômico e possibilitam uma interação sociocultural diferenciada dentro da cidade.

Campina Grande está disposta como centro de influência para o interior da Paraíba, e não só como via de passagem ou caminho de rotas migratórias, a cidade se projeta como o lugar onde, na maioria das vezes, as coisas acontecem primeiro. É certo que muito precisa ser feito para um melhor desenvolvimento do município, no entanto, com base nas informações e nos dados apresentados, em seus aspectos, a dinâmica socioeconômica da cidade nos traz a compreensão da importância e a influência regional que a cidade desempenha.

3.4 - SOCIEDADE E CULTURA

Em seu processo de desenvolvimento, urbanização e modernização, o município de Campina Grande não apartou a cultura. Ao longo da história da cidade, observamos um crescente fortalecimento comercial e industrial, um aumento populacional e de área urbana, e um fluxo maior de pessoas que vem a cidade se utilizarem dos seus serviços, em sua maioria, hospitalares e educacionais. E nesse processo a cultura não ficou estática, em seus elementos, movimentos e eventos. Isto permite a Santos (2007) estabelecer relações diferentes e, enfatizar que: “A cultura é vista como uma qualidade de uma coletividade, como também é interessante observar que a coletividade aparece com um objetivo qualificado para distinguir tipos de cultura por atividade [...]” (p.23).

Evidentemente, a prática condiciona a construção em algum lugar, que através de métodos usados transformara espaços, que variaram e ainda variam, dependendo das próprias condições geográficas, históricas, políticas, socioeconômicos e culturais de cada sociedade em diferentes tempos e lugar, pois, em Campina Grande, na Paraíba, não foi diferente.

Em um breve resumo histórico sobre os equipamentos culturais de Campina Grande temos que em 1909 foi implantado o Cine Brazil, o primeiro cinema da cidade; em 1925 o Cine Teatro Apolo, que funcionava como cinema e teatro; em 1950 a Rádio-Teatro Borborema; e em 1962 foi fundado Teatro Municipal Severino Cabral, uma grande construção para a época, e dentre os já citados, o único que está ativado e em pleno funcionamento.

Atualmente o cenário cultural de Campina Grande conta com a presença de diversos equipamentos espalhados pela cidade, como museus, teatros, salas de cinema e centros/espços culturais. Dentre os principais museus da cidade se destacam o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, o Museu de Arte Assis Chateaubriand e o

Museu de História e Tecnologia do Algodão, estes frequentemente visitados por turmas de estudantes da cidade e turistas.

Em funcionamento e com disponibilidade para apresentações, a cidade dispõe do Teatro Municipal Severino Cabral, e em anexo o Teatro Paulo Pontes, do Teatro Rosil Cavalcanti, do teatro do Centro de Convenções Raymundo Asfora, situado nas dependências do Garden Hotel Campina Grande, e do teatro do Espaço Cultural SESC Centro. O cinema na cidade está para cinco salas de exibição, que se encontram reunidas no Shopping Boulevard Campina Grande, sendo quatro de exibição exclusiva em 2D e uma para exibição 3D, acompanhando várias vezes as datas de lançamento mundial de diversos filmes.

O Centro Cultural Lourdes Ramalho, é uma instituição da prefeitura municipal que se destaca por oferecer cursos de música, dança, teatro e artes marciais, visando uma maior popularização e interação da cultura com a sociedade. O Espaço Cultural do SESC Centro é outro espaço dedicado a cultura na cidade. As bibliotecas são outro equipamento cultural importante para a disseminação da cultura, a Biblioteca Municipal Félix Araújo, a Biblioteca Átila Almeida da UEPB e a Biblioteca Central da UFCG, são as principais e maiores bibliotecas da cidade.

Campina Grande é palco de diversos eventos culturais, anualmente ocorrem na cidade diversas festas, festivais e encontros, capazes de promover grandes ajuntamentos de pessoas da cidade e turistas. O Maior São João do Mundo é a festa de maior destaque e proporção, que ocorre na cidade por 30 dias, durante todo mês de junho. Essa festa é responsável por atrair, durante sua realização, a atenção de todo o país para Campina Grande, aja vista que, algumas redes de TV aberta nacionais vêem a cidade fazer reportagens e coberturas ao vivo do evento.

O Festival de Inverno, promovido pela prefeitura municipal, e a Semana Internacional de Música, promovida pela Universidade Federal de Campina Grande, são exemplos de eventos de menor proporção, mas de grande notoriedade e importância para a cidade. Pequenos eventos, destinados não só a um público específico, mas também a toda sociedade, são comuns e ocorrem frequentemente, como shows, mostras de cinema, manifestações artísticas, feiras e diversos encontros de indivíduos que compartilham *hobbies*, atividades e estilos de vida.

Durante o período de carnaval são realizados, como na maioria das cidades do país, alguns movimentos carnavalescos, como blocos de rua e desfiles de escolas de samba, no entanto, Campina Grande não é marcada nesse período por causa desses movimentos. Diversos grupos e entidades religiosas e culturais utilizam os dias referentes ao feriado de carnaval, para realizam na cidade encontros que visam à discussão, a aprendizagem e a interação.

A cidade se torna um verdadeiro centro de convergência para as mais variadas religiões, com a realização dos seguintes eventos: o Encontro para a Nova Consciência, que busca a interação entre indivíduos das mais diversas religiões, crenças e culturas do mundo; o Encontro para a Consciência Cristã, o maior evento, dentre os que ocorrem nesse período, que visa o ajuntamento de membros de todas as denominações reconhecidamente protestante; o Crescer, encontro Católico; o Movimento de Integração Espírita Paraibano (MIEP), evento da comunidade Espírita da Paraíba; o Amigos da Torah, um encontro judaizante.

Todas essas manifestações trazem a compreensão da funcionalidade da cultura no processo de desenvolvimento de uma cidade, observando a capacidade de valorização das manifestações pertencentes aquela sociedade, como também o nível da recepção daquilo que tem se tornado local e global, possibilitando, de forma direta ou indireta, aos indivíduos que a compõe, a vivência de algo que não é intrínseco, mas é acessível e enriquecedor, socioculturalmente.

4 - AS TRIBOS URBANAS E SUA DINÂMICA ESPACIAL

4.1 - IDENTIFICANDO AS TRIBOS URBANAS EM CAMPINA GRANDE

Atualmente existem incontáveis agrupamentos urbanos que podem ser descritos como tribos urbanas, espalhados pelas metrópoles e cidades do globo. Frequentemente surgem novos grupos que apresentam diferentes formas de comportamentos e interações, por muitas vezes oriundos como forma derivada de outro já existente. Da mesma forma que novas formações surgem, outras não desaparecem, mas perdem parte de seu destaque no meio urbano, restando poucos membros e pequenos vestígios de sua existência. Assim como a música, a moda e a arte, entre outros, a intensidade da disseminação do tribalismo urbano das metrópoles para as cidades locais atualmente é ditado principalmente por meio de tendências.

Dentre as primeiras formações tribais a se constituírem entre décadas de 1940 e 1950 e a se disseminarem por seus ideários de liberdade e anti-guerra, os Moto Clubes e os hippies, se destacam por sua popularização, não só naquela época, mas também nos dias atuais. Nos anos subsequentes, novas formas de tribalismo urbano começam a aparecer, sendo que estas não se destacaram por seus ideais, mas por estarem ligados a alguma forma de manifestação em evidência, como esporte, estilo musical ou cultura artística. A exemplo disto tem-se a tribo dos skatistas, frente à prática esportiva do *skateboard*; e os *hip hoppers*, sendo este caracterizado como cultura artística, por possuir ramificações que compreendem música, dança e pintura, dispostas pelas tribos dos *rappers* ou MCs, *breakdancers* ou *b-boys* e *b-girls*, e pelos grafiteiros, respectivamente.

No início da década de 1990, uma nova formação tribal urbana começava a aparecer nos centros urbanos ocidentais, mas esta não era oriunda dos Estados Unidos ou de qualquer país da Europa, como os demais já citados, sendo formada por grupos de indivíduos que possuíam interesse comum por desenhos animados, revistas em quadrinhos e jogos japoneses, denominados em alguns países como no Brasil de otakus. Assim fechamos a lista de tribos urbanas que foram consideradas nesta pesquisa na cidade de Campina Grande. No entanto, os Moto Clubes, os hippies, os skatistas, o *hip hoppers* (*rappers*, grafiteiros, *breakdancers*) e os otakus, não são as únicas tribos que detêm representantes dentro da malha urbana da cidade, mas são as que mais se destacam, quer seja por seus eventos, formas de expressão ou por seus estilos de vida.

4.1.1 - Os Moto Clubes

Os primeiros Moto Clubes tem sua gênese nos Estados Unidos, em meados da década de 1940, fundamentados pelos ideários denominados de contracultura. Nesse período de sua origem os Moto Clubes eram formados exclusivamente por homens, em sua maioria jovens, que se encontravam em uma situação financeira que os possibilitava possuir uma motocicleta, como também empreitar-se em viagens pelo país (ver figura 02). Alguns anos depois os Moto Clubes, passaram a ser reconhecidos como gangues de motociclistas (MESQUITA; MAIA, 2007). Denominar um membro de Moto Clube apenas como motociclista, traz a errônea generalização do termo, pois todo membro de Moto Clube é motociclista, mas nem todo motociclista é membro de algum Moto Clube. O motociclismo para estes, excede com a funcionalidade essencial que é a de locomoção, agregando todo um estilo de vida e um ideário, que os uni.



Figura 02: Hells Angels Motorcycle Club, fundado em 1948.

Fonte: Blog sradmotor.blogspot.com - SRAD motor: pilote a sua vida. 26-10-2011.

No Brasil, a formação de Moto Clubes se deu inicialmente no sudeste do país, posteriormente, se espalhou pelas demais regiões. Atualmente, são poucos os estados que não possuem associações de Moto Clubes. Segundo o site da Revista Motoclubes, na Paraíba existem 120 Moto Clubes, sendo que em Campina Grande estão 33 destes, com sedes espalhadas pela cidade, que totalizam 311 motociclistas associados, como mostra a Tabela 1. A Associação Motociclista Falcões da Serra é o Moto Clube mais conhecido e antigo de Campina Grande, fundado em 1995 é pioneiro na cidade. Seus associados são

descritos como amantes de motocicletas de altas cilindradas, para viagens nacionais e internacionais, cuja sede é denominada de Ninho dos Falcões.

TABELA 1 - LISTA DE MOTO CLUBES DE CAMPINA GRANDE

MOTO CLUBES	INTEGRANTES	ANO DE FUNDAÇÃO
1 A Mais Motoclube	10	2010
Anjos Velozes Moto Grupo	04	2008
Asas Do Asfalto	08	2000
Moto Clube Cachorro Louco	16	2005
Cães Em Fúria Moto Clube	08	2008
Ciclemotoclube	09	2010
Coyotes De Prata	12	2006
Estrada De Ferro M.C.	05	2010
Falcão Solitário Mg	03	2008
Associação Motociclística Falcões Da Serra	41	1995
Fantasmas Do Asfalto	20	2009
Fênix Moto Grupo	07	2006
Guardiões Do Asfalto Motoclube	04	2005
Ice Dragon Motoclube	03	2007
Iron Highway Moto Clube	10	2010
Motoclube Legendários Do Asfalto	02	2011
Leões Do Nordeste Moto Clube	06	2006
Lobo Estradeiro	05	2009
Lobos Rebeldes	12	2006
Luz De Cristo	12	2003
Martelo De Ferro Mc	03	2011
Matilha Urbana	10	2008
Medeiros No Asfalto Moto Grupo	06	2009
Moto Clube Vida	16	2010
Motoclube 9	09	2009
Pé Inchado Do Asfalto	06	2010
Pombos Dos Asfalto	04	2008
M.C. Rota230 - Estradeiros Da Borborema	14	2002
Sertões Trail Moto Grupo	03	2006
Skull Rider's V2 Club	04	2007
Tropeiros Do Asfalto Motoclube	30	2000
Urubús Do Asfalto	07	2010
Vingadores Do Asfalto	02	2008

Fonte: Site revistamotoclubes.com.br - Revista Motoclubes. 26-10-2011.

Os Moto clubes campinenses, se dispõem como forma de promoção de viagens turísticas em motocicletas não só pela região como também pelo país e exterior; promovendo, além da aventura, valores como amizade, companheirismo, irmandade, cooperação e para alguns Moto Clubes ligados a religião, a evangelização. Todos os anos, desde 2006, é realizado na cidade o Motofest, um evento que atrai motociclistas de toda região e está no calendário de eventos da cidade e do estado, considerado um dos maiores eventos do gênero no país. Esse ano ocorreu o Campina Grande Motofest 2011(ver foto 01), a 6° edição do evento, que também foi palco do 2° encontro interestadual do Brazil Rider's, no Parque do Povo.



Foto 01: 6° Campina Grande Motofest, Parque do Povo, 2011.
Fonte: Site campinamotofest.com.br - Campina Motofest. 26-10-2011.

Este evento além de proporcionar um grande ajuntamento de motociclistas, dispunha de um palco central para apresentação de bandas, como também de diversos stands de vendas de produtos ligados ao motociclismo. Os Moto Clubes campinenses promovem ainda, reuniões de confraternização, e se destacam como a maioria dos Moto Clubes brasileiros por estarem ligados a alguma forma de prestação de serviço social e filantrópico, se contrapondo ao imaginário que os cercam, de gangues ou de indivíduos que representem algum grau de periculosidade.

4.1.2 Os Hippies

O movimento Hippie surgiu nos anos de 1960, fazendo parte do que se chamava movimento de contracultura, nos Estados Unidos, período em que o país estava envolvido com a Guerra do Vietnã. Segundo Sanchez (2009) o sentimento de inconformidade e desconforto marcaram a situação do surgimento deste movimento. Os hippies se posicionam contrários a guerra e o nacionalismo, tendo o militarismo, o domínio governamental, os grupos industriais, a massificação, o capitalismo, o autoritarismo e o tradicionalismo social como algo sem validade e força.

Os hippies traziam em seu ideário a necessidade de mudar o mundo, dispendo que a situação na qual ele se encontrava, e ainda se encontra, era inaceitável. O festival de musica de *Woodstock*, realizado entre 15 e 18 de agosto de 1969, que ajuntou na cidade de Bethel em Nova York cerca de meio milhão de pessoas em sua maioria jovens (ver figura 03), considerado o maior festival de música da história, não pelo seu tamanho ou duração, mas por sua representação.



Figura 03: Hippies no festival de música de Woodstock, 1969.

Fonte: Site partybusters.virgula.uol.com.br - PartyBusters. 13-08-2011.

Os ideários Hippie se espalharam pelo mundo rapidamente, principalmente por causa do festival de música de *Woodstock*. Temos o Tropicalismo como movimento mais conexo ao Hippie no Brasil, que com o início do Regime Militar foram alvos de duras críticas e perseguição. Em Campina Grande, encontramos na Praça Clementino Procópio, indivíduos que se assemelham ao que se chama de hippies, dispendo a venda de objetos artesanais característicos, como mostra a Foto 02. A presença destes é tão marcante na praça, que a mesma é conhecida popularmente como “Praça dos Hippies”.



Foto 02: Os hippies da Praça Clementino Procópio em Campina G..
Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de Campo. 15-08-2011.

Atualmente, encontram-se espalhados pelo país algumas comunidades alternativas fundamentadas nos ideários Hippie de não discriminação das minorias, respeito ambiental, amor livre e não violência ideários, principalmente próximo a praias ou em áreas isoladas no interior dos estados.

4.1.3 - Os Skatistas

O skate, ou *skateboard*, é um esporte nascido na Califórnia, Estados Unidos, no início da década de 1960. Criado por adeptos e praticantes do *surf*, visando reproduzir o que era feito no mar, agora nas ruas, durante os períodos de seca e de maré baixa. As pranchas usadas para prática do skate eram bem menores que as utilizadas do surf (FERNANDES, 2003), mas também não se pareciam muito com as atuais, sendo apenas uma tábua com quatro rodas.

No entanto foi na década de 1970, que a prática do skate se popularizou, não só nas cidades dos Estados Unidos, começando a emergir praticantes, e conseqüentemente formações tribais, em diversas cidades de outros países. Inicialmente os skatistas se utilizavam unicamente dos espaços urbanos que dispunham de elementos como escadas, corrimãos, bancos, entre outros, dando a estes a funcionalidade inusitada de objetos e/ou obstáculos para prática e aperfeiçoamento das manobras, e por causa dessa utilização eram por muitos considerados como vândalos (BRANDÃO, 2008). Por consequência disso,

nesse mesmo período, deu-se o início da utilização de piscinas vazias para a prática do skate, surge um novo formato: o skate vertical. Na década seguinte, visando abarcar esse novo formato da prática do skate são construídas as rampas em formato de “U”, como mostra a foto 03, denominadas de *halfpipes*.



Foto 03: *Halfpipes* do Parque da Criança, Campina Grande.

Fonte: Blog skatemasters-jpa.blogspot.com - SkateMasters-Jpa. 08-08-2011

Apesar de ser originária de outra tribo, da tribo dos surfistas, a tribo dos skatistas possui características próprias, estilos e formas de expressão diferenciadas e bem definidas, abrangendo mais do que a característica esportiva. Os indivíduos que compõem as tribos dos skatistas, não compartilham unicamente o interesse pela prática esportiva do skate, mas também a moda, a música, a linguagem, os símbolos e os rituais, assim como os bens de consumo, que envolvem essa prática. Acerca da prática do skate no Brasil, Brandão (2008, p.6) nos descreve que:

A partir do final da década de 1970, o skate começou o seu processo de esportivização no Brasil, sinalizado pelo surgimento de campeonatos amadores e profissionais que envolveram tanto a formação de circuitos estaduais e nacionais, quanto a constituição de associações e, posteriormente, de uma confederação de skate, a CBSK. Objeto de filmes, programas de televisão, revistas esportivas, livros, sites e blogs na Internet, além de ser tema em diversos produtos destinado ao público jovem, como roupas, capas de caderno e campanhas publicitárias, o skate vem consolidando-se no Brasil.

Encontramos, em Campina Grande, uma quantidade visível de membros da tribo dos skatistas, espalhados pelos mais diversos espaços da parte urbana e central do município, tanto em áreas de uso comum, como praças e calçadas, ou ainda em espaços

territorializados pela disposição de elementos de uso específico, como a *halfpipe* encontrada no Parque da Criança, assim como mostra a foto 04:



Foto 04: Membros da tribo dos skatistas na *halfpipes* do Parque da Criança, CG.
Fonte: Blog skatemasters-jpa.blogspot.com - SkateMasters-Jpa. 08-08-2011

Como também, de territorialidade temporária, como a Pirâmide do Parque do Povo, que mesmo não tendo sido criada com esta finalidade, a de agrupar praticantes do skate, ela é na cidade, nos períodos que não estão ocorrendo eventos, território da tribo dos skatistas.

4.1.4 - Os Hip Hoppers (*Rappers, Breakdancers e Grafiteiros*)

O hip hop é uma manifestação cultural essencialmente urbana, nascida nos Estados Unidos, mais especificamente nos guetos de Nova Iorque, na década de 1970. Essa tribo urbana é caracterizada como movimento social praticado majoritariamente por jovens de classe baixa, em sua maioria, negros (SCANDIUCCI, 2006). Nos EUA, alguns grupos de hip hop são associados a gangues, pelo comportamento violento de seus integrantes e por estarem ligados ao tráfico de drogas. No Brasil, segundo Novaes (2002, p.112), os grupos de hip hop mais conhecidos se destacam por serem “contra as drogas e pregam a paz. Essa postura favorece conexões entre os grupos do movimento hip-hop com instâncias governamentais, organizações não-governamentais e igrejas”. O hip hop por muitas instituições sociais é usado como estratégia, para a retirada de jovens e adolescentes da criminalidade e do mundo das drogas.

Esse movimento se dispõe como cultura artística, abrangendo artisticamente campos da música, dança e artes visuais, representados, respectivamente, pelo *rap*, *breakdance* e grafite. Como elementos que compõem essencialmente o movimento hip hop, o *rap*, o *breakdance* e o grafite, são expressões bem distintas. A origem do *rap* se deu na Jamaica na década de 1960, e é introduzido nos Estados Unidos na década seguinte, por jovens imigrantes jamaicanos que moravam na periferia de Nova Iorque (VIANNA, 1998). A palavra *rap*, na verdade é uma sigla que deriva da expressão inglesa “Rhythm and Poetry”, que no português significaria “ritmo e poesia”, sendo assim, o *rap* pode ser descrito como uma espécie de fala ritmada. Os cantores de rap (ver foto 05), podem ser denominados de *rappers* ou MCs¹.



Foto 05: Apresentação de rap, projeto Ação Hip Hop - CG, 2011.

Fonte: PAULA, Ivan de. Blog 5anosnh2c.blogspot.com- Ação Hip Hop. 11-08-2011

No entanto o contexto musical do hip hop não é composto unicamente por cantores de *rap*, tendo ainda o *disc jockey*, profissional que escolhe e mixa músicas que farão a base musical para o *rap* e para o *breakdance*, popularmente conhecido como DJ, e o *beatbox*, individuo que reproduz com a boca sons que remetam a percussão. O *breakdance*, ou simplesmente *break*, é um estilo de dança de rua característico do hip hop. Os dançarinos de *break* (ver foto 06) são denominados de *B-boys* ou *B-girls*. Atualmente o *breakdance* tem sido amplamente divulgado não só pela proposta de lazer ou atividade física, que, como qualquer dança, propícia, mas também pelos campeonatos que são realizados por todo o mundo.

¹ Sigla referente a abreviação de “Mestre de Cerimônias”.



Foto 06: Oficina de breakdance, Projeto Ação Hip Hop – CG, 2011.

Fonte: PAULA, Ivan de. Blog 5anosnh2c.blogspot.com- Ação Hip Hop. 11-08-2011

O grafite é uma expressão gráfica feita com spray, rolinho e pincel, nas paredes e muros das cidades. Os grafiteiros, por meio dessa arte, como forma de expressão, concebem desenhos e mensagens, que por muitas vezes trazem denúncias ou abordam assuntos polêmicos. Em Campina Grande, encontram-se vários espaços que possuem grafites, alterando assim a paisagem urbana da cidade, e que simbolizam que a tribo dos grafiteiros passou e ainda passa por ali, sendo está a forma dessa tribo demarcar seu território (ver foto 07), pois engana-se quem pensa que eles não estão sempre renovando, as suas “telas”, seus muros na verdade.



Foto 07: Grafite feito na lateral do antigo Cine Capitólio.

Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de Campo. 15-08-2011.

Mesmo sendo considerada parte do campo das artes visuais, o grafite ainda sofre discriminação, sendo comparado com a pichação. A representatividade da pichação limita-se ao ato de deixar sua marca, ao contrário do grafite, cujo propósito é interferir visualmente na sociedade e na paisagem urbana, trazendo algo que não represente somente a quem fez, mas a todo que a visualize e a leia.

Na cidade, ocorrem todos os anos encontros de *rappers*, amostras de grafites, e apresentações de *break*, em eventos específicos como o Projeto Ação Hip Hop, realizado entre os dias 22 e 27 de agosto desse ano, como também em eventos de multigênero, como o Festival de Inverno de Campina Grande. O que deve ser destacado no hip hop, abrangendo o *rap*, o *break* e grafite, é que ao contrário da maioria das manifestações tribais urbanas, esta se destaca por visivelmente ser capaz de interagir com a cultura local, a exemplo temos por meio de alguns *rappers* a utilização de formas características dos repentes nordestinos.

4.1.5 - Os Otakus

Em seu sentido original o termo *otaku* é utilizado no Japão para identificar indivíduos com um elevado nível de fanatismo e obsessão por determinada coisa ou assunto, podendo este ser referente a um momento histórico ou algo fictício, a uma tendência ou tradição. No ocidente em países como Estados Unidos e Brasil, o termo é usado para designar membros de comunidades que estão ligados pela inclinação por objetos pertencentes à cultura pop japonesa. Sendo assim temos por otakus, aqueles que se interessam, por: mangás, histórias em quadrinhos; animês, desenhos animados; tokusatsu, seriados; J-Music, música; e jogos eletrônicos, games.

Costa (2011) salienta que para ser um *otaku* não basta só se interessar por produtos que permeiem o universo da cultura pop japonesa, sendo necessária a interação com outros otakus, e, além disso, essencialmente, possuir o conhecimento das representações pertinentes aos interesses dos demais, e demonstrar esse conhecimento. Aja vista que, com o tempo, o interesse pelos vários produtos culturais, que antes caracterizavam o indivíduo, começaram a tomar forma, fazendo com que as características que os assemelhavam passassem a diferenciá-los, gerando subgrupos *otaku*, a exemplo temos os pasokon otaku, que são os que têm ficção por computadores; os gêmu otaku, cujo interesse está para os videogames; os tetsudō otaku, vidrados em miniaturas e objetos colecionáveis; entre outros. O que de forma alguma prendera os indivíduos em um só subgrupo, ou ramificação, mas traz essa possibilidade.

Temos com os otakus, uma forma de consumo de uma cultura internacional extremamente distinta das mais variadas manifestações culturais existentes no país. Em território brasileiro o despertar para a cultura pop nipônica, se deu nos anos de 1990, como a exibição em TV aberta de desenhos animados japoneses, animês, que se tornaram rapidamente muito populares entre o público infantil e jovem da época (MACHADO, 2011, p.4). Todavia, é importante ressaltar que existe uma grande diferença dos otakus brasileiros e os otakus japoneses, tendo no Brasil essa tribo urbana sofrido uma espécie de “abrasileiramento”, como afirma Nagado (2005, p. 56):

O público brasileiro é formado por muitas garotas e casais de namorados otakus, o que seria uma contradição no Japão. Muito mais soltos, entusiastas e barulhentos do que suas contrapartes orientais, os fãs brasileiros se acotovelam por um autógrafo de seu dublador preferido, pulam ouvindo *anime songs* como se estivessem em um show de rock e promovem uma confraternização bem brasileira, que certamente, estão distantes do fanatismo solitário e isolado presente em muitos otakus japoneses.

Como reflexo da crescente popularização dessa forma de tribalismo, decorrem algumas formas de consumo que refletem a manifestação dessa cultura, como o *cosplay*², que nada mais é do que o ato de se vestir como algum personagem, do mundo dos animês, mangás e games (ver Foto 08), e ainda lojas especializadas, clubes e eventos, conhecidos no meio otaku como animencontros, que seriam convenções ou feiras que reúnem diversos tipos de otakus e admiradores da cultura pop do Japão.



Foto 08: Cosplayers no Boulevard Shopping Campina Grande.
Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de Campo. 24-08-2011.

² Esse termo deriva da junção entre a abreviação “cos” de costume, e da palavra inglesa “*play*” que significa brincar, ou seja, brincar de costumes.

Tratando-se de animencontros, o Brasil é seleiro de grandes eventos, e anualmente ocorrem diversos, em vários estados, dentre os maiores e mais famosos estão o AnimeCon, realizado em São Paulo, é disposto como o mais tradicional evento do gênero na América Latina; o Anime Friends, também realizado em São Paulo, sendo considerado a maior convenção da América Latina; e o Animencontro, realizado em Curitiba, e foi o primeiro encontro dedicado exclusivamente ao público otaku. Em Campina Grande, anualmente ocorre o Encontro Nipon, que esse ano realizou nos dias 01 e 02 de outubro, nas dependências da Escola Estadual da Prata, a sua 6ª edição (ver foto 09). Estimasse que pelo evento passaram cerca de 3.500 pessoas, em sua maioria jovens com idade entre 13 e 35 anos.



Foto 09: 6° Encontro Nipon Campina Grande.

Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de Campo. 02-09-2011.

O 6° Encontro Nipon não diverge em programação e serviços dos demais eventos que ocorrem na Paraíba e no resto do país. Dispondo de torneios de cosplay e jogos, apresentações de artes marciais, diversas salas para reuniões de grupos de fãs, para exibições de animações, karaokê e jogos; oferecendo também workshops, palestras e cursos sobre games, origamis e outros temas do universo *Otaku*, entre muitas outras atividades, e ainda conta com stands e lojas de produtos específicos relacionados a anime, manga e cultura japonesa.

4.2 - ESPACIALIDADE DAS TRIBOS URBANAS EM CAMPINA GRANDE

A cidade tem por essência dispor no seu espaço a multiplicidade de utilizações, de forma que exista, economicamente e socialmente, uma sustentação mútua. Na visão de Gomes (2006, p.10): “A diversidade de usos traz a diversidade de usuários, tanto na rua como na praça pública”. As tribos urbanas, como representantes dessa variedade de usuários, se apropriam de espaços específicos das cidades, sendo estes, propriamente, a multiplicidade de utilizações da cidade, levando em conta suas especificidades simbólicas, estruturais, de valor, entre outras. Dessa forma a propriedade dos espaços seriam fator de influência na apropriação e no imergir das tribos.

No espaço urbano do município de Campina Grande foi observado que determinadas áreas, em dias, horários ou períodos específicos, são utilizadas por tribos urbanas distintas. A ocupação desses espaços está, em muitos casos, ligada aos equipamentos que estão dispostos nestes, ou também pela funcionalidade do local para a realização de algum evento ou manifestação específica. Podendo ainda existir uma ligação emocional simbólica ou não, visando apenas à disponibilidade comercial de bens e serviços presentes no espaço em questão.

Campina Grande, como cidade provida de equipamentos culturais, de lazer e convivência social, dispõe de diversos espaços visivelmente modificados e territorializados pelas tribos urbanas em questão. Tais espaços estão dispostos segundo as concepções de mancha apresentada por Magnani (2005), onde segundo ele as manchas são áreas específicas do espaço urbano, providas de elementos que delimitam e possibilitam determinada atividade e/ou prática dominante, usada pra descrição de um arranjo espacial mais fixo e durável. Na mancha estariam dispostos equipamentos, que justificariam a presença de determinados indivíduos, estando entrelaçada significativamente a paisagem e aos sujeitos, nela existi a abertura aos múltiplos usuários, estando não só para os que possuem um elo identitário. Nas manchas são observadas tanto a paisagem quanto os territórios gerados pelo tribalismo urbano.

Com base nisso, fez-se necessário identificar a localização no espaço urbano de Campina Grande das manchas das tribos urbanas. Assim como pode ser verificado na imagem 01:

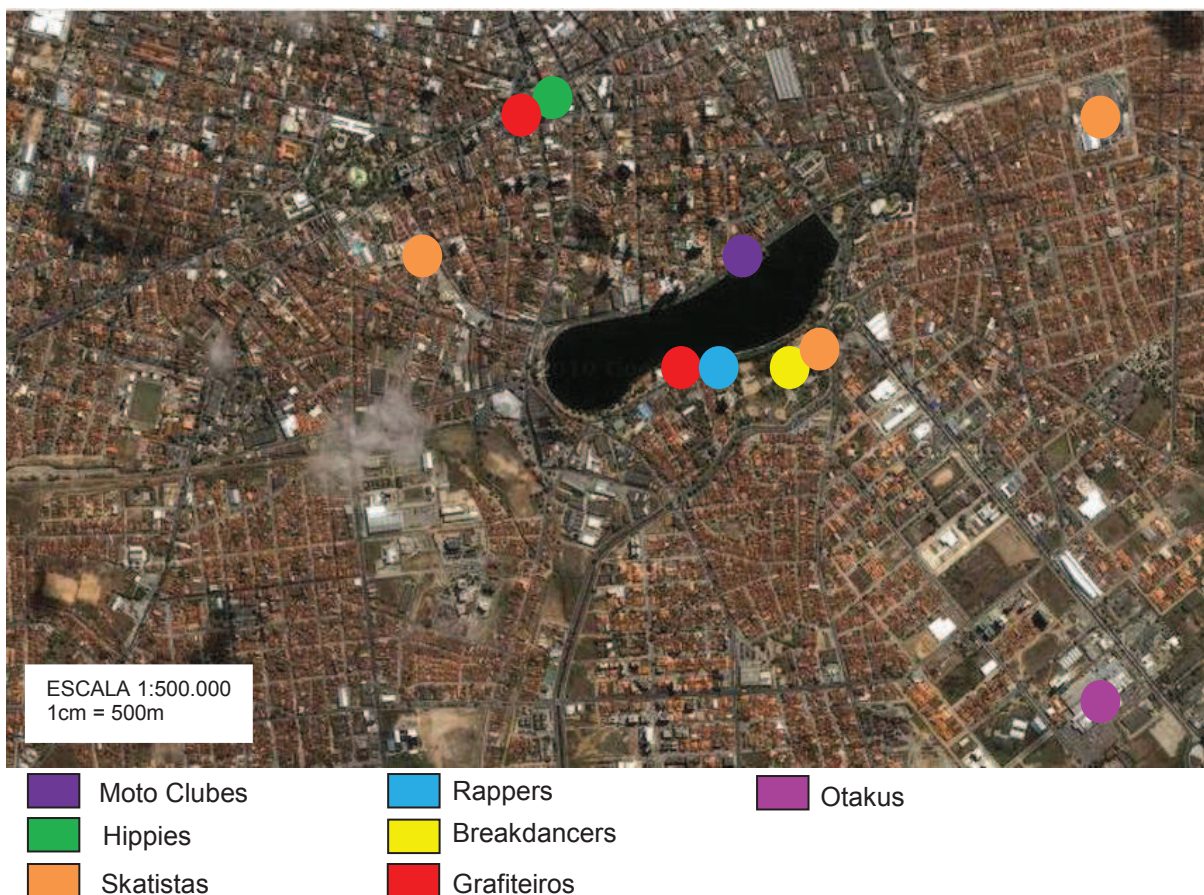


IMAGEM 01: Localização das manchas das tribos urbanas, Campina Grande.

Fonte: Google Maps, 2011. Adaptado por Steferson S. Santos.

Conforme está disposto nesta imagem, observa-se a presença nos arredores do Açude Velho, das tribos dos *rappers*, grafiteiros e dos Moto Clubes, sendo que os Moto Clubes está do lado norte do açude, onde estão dispostos restaurantes e algumas sedes, já os *rappers* e os grafiteiros estão presentes no lado sul, mais especificamente nas dependências do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA - CG). Outro ponto que foi observado à presença frequente de grafiteiros foi nos arredores do prédio do antigo Cine Capitólio, na Praça Clementino Procópio. É importante destacar que diversos muros espalhados pela cidade são identificados pela presença de alguma grafiteagem, no entanto foi considerado, os espaços de uso frequente.

Identifica-se ainda, manchas que são geradas pela disponibilidade de equipamentos que condicionam a presença de determinada tribo, como, para prática do *skateboard*, a pista da Vila Olímpica Plínio Lemos e a rampa no Parque da Criança, sendo não só um ponto para a prática esportiva, mas também de interação social da tribo dos skatistas. Ou ainda que estejam presentes espaços sem nenhuma especificidade, espaços públicos, como ainda para os skatistas: o Parque do Povo; e para os *breakdancers*: o Parque da Criança.

Os hippies estão tradicionalmente localizados na parte norte da Praça Clementino Procópio, inseridos na paisagem da praça, tendo a mesma por território. E por últimos temos

nas dependências do Shopping Boulevard de Campina Grande a mancha gerada pela tribo dos otakus, que assim como as mais recentes formações tribais a surgirem tem os *shoppings centers* como espaço de vivência, sendo estes, conforme dispõe Araujo (2003, p.12) um “[...] território demarcado, como um primor de liberdade e democracia e uma exposição de símbolos e signos, principalmente por meio das peças de vestuário e outras características estéticas [...]”, que compõe um tipo de expressão ligada ao corpo, aplicada a estética.

Além disso, foram identificados os espaços que temporariamente são palco de eventos de grandes proporções realizados por algumas das tribos urbanas abordadas, projetando-as, de forma que as inseri na dinâmica social da cidade. Assim como está disposto na Imagem 2:



IMAGEM 02: Localização dos espaços utilizados pelas tribos urbanas para a realização de eventos, Campina Grande.

Fonte: Google Maps, 2011. Adaptado por Steferson S. Santos

Sendo eles, o Parque do Povo, palco do Campina Motofest, realizado pelos Moto Clubes; o Colégio Estadual da Prata, onde ocorre o Encontro Nipon, é realizado pelos otakus; o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA - CG), onde acontece o projeto Ação Hip Hop, executado pelos *rappers*, *breakdancer* e grafiteiros; e a Vila Olímpica Plínio onde ocorrem diversas disputas a nível municipal e estadual de campeonatos de skate.

4.3 - AS TRIBOS URBANAS DE CAMPINA GRANDE

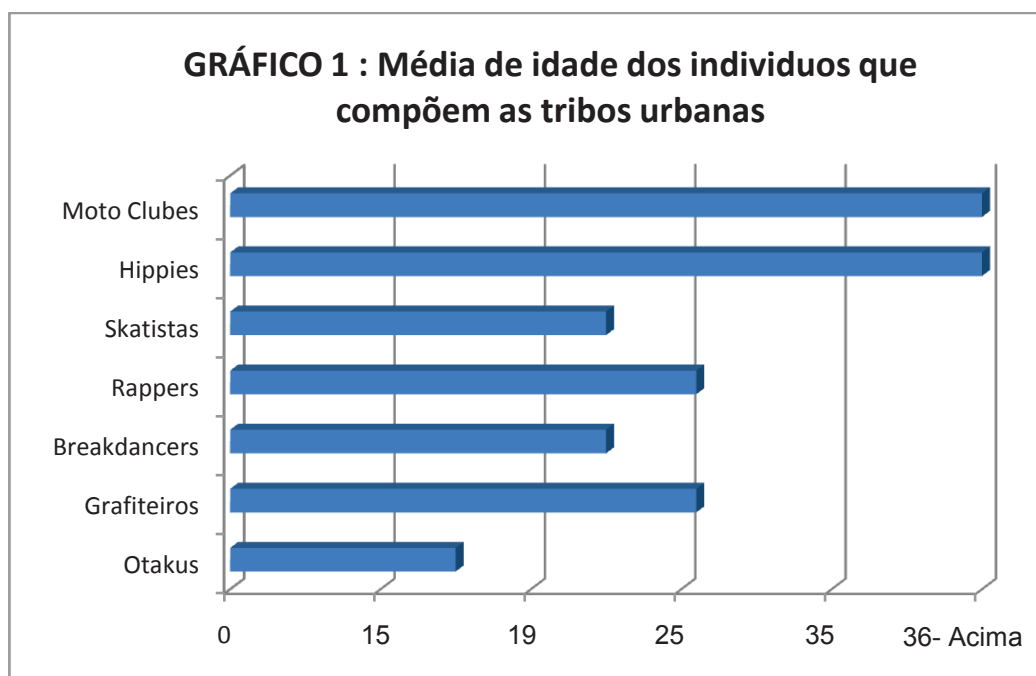
As formações tribais urbanas se constituem como fator importante no desenvolvimento social dos indivíduos que as compõem. Estas estão ligadas intrinsecamente ao processo de construção de identidade, por meio de suas estruturas, de suas formas de articulação social, interna e externa, e de suas relações com o espaço. Dessa forma, os indivíduos que constituem as tribos urbanas, carregam consigo todo um arcabouço identitário de suas tribos. Onde, conforme Araújo (2003), eles não são membros de suas tribos só quando estão em grupo. Trazem isso consigo diariamente o ideário de suas respectivas tribos, mesmo que muitas vezes por motivos externos, como trabalho e estudos, não expressem abertamente.

Visando traçar um perfil parcial dos indivíduos que fazem parte das tribos urbanas selecionadas por essa pesquisa, foi realizada a entrevista de um representante de cada tribo, totalizando sete entrevistas. Além disso, foram aplicados 56 questionários, distribuídos igualmente entre as tribos, sendo oito questionários aplicados por tribo. Para a realização das entrevistas e aplicação dos questionários, é importante salientar que foi utilizado o critério de ser membro atuante de uma das tribos, considerando que só o simpatizar com a tribo não disporia as informações necessárias para o cumprimento do propósito da pesquisa.

Dentre os indivíduos que responderam aos questionários, cerca de 75% são homens e 25% mulheres, sendo que a presença atuante feminina é mais acentuada nas tribos dos *otakus*, *breakdancers* e grafiteiros. No tocante a idade, existe uma variação de tribo para tribo, assim como mostra o Gráfico 1. Os membros de Moto Clubes e os *hippies* possuem idade maior que 35 anos, os *rappers* e os grafiteiros possuem idade média de 25 anos, os skatistas e os *breakdancers*, idade entre 19 e 25 anos, já os *otakus* possuem idade ente 15 e 19 anos.

A diferença de idade entre as tribos é justificada pela dinâmica de cada tribo, aja visto que, para ser membro de um Moto Clube é necessário possuir uma moto de alta potência, cilindradas, que não são acessíveis a qualquer classe social, sendo necessário possuir um alto nível de renda, que não é facilmente alcançado na juventude. As tribos dos *rappers*, dos grafiteiros, dos skatistas e dos *breakdancers*, atraem a juventude por seu caráter de liberdade, estas pela música, pela arte, pelo esporte e pela dança, respectivamente, trazem aos jovens o ideário de livre expressão e ocupação artística ou esportiva, muito importante atualmente, observando que boa parte dos jovens vagam sem ocupação, sem frequentar uma instituição de ensino e sem desenvolver algum tipo de

trabalho. Já os otakus por seus elementos, em sua maioria, estarem ligados ao mundo infanto-juvenil do japonês, pelos animês e mangás, é normal que a sua faixa etária de adeptos esteja majoritariamente voltada para os adolescentes.



Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de campo, Julho/Outubro de 2011.

Todos, tanto os entrevistados quanto os que responderam o questionário residem em Campina Grande, sendo que, aproximadamente, 40% deles moram no bairro Centro ou em bairros próximos a este, 60% mora na periferia da cidade, considerando a proximidade existente entre a relação campo-cidade no Município, foi ainda disposto no questionário a opção de resposta a local de residência na zona rural, no entanto, nenhum dos indivíduos abordados afirmou residir nesta área, sendo todos residentes da zona urbana da cidade.

Quanto ao nível de escolaridade dos indivíduos que compõem essas pequenas cooptações, foi observado uma considerável variação entre tribos. Todos os membros dos Moto Clubes possuem nível superior de escolaridade, diferentemente, os adeptos do movimento hippie 75% deles afirmaram possuir o ensino fundamental II [6° a 9° ano] e 25% o ensino fundamental I (1° a 5° ano). Dentre os skatistas, os *rappers* e os *breakdancers*, houve semelhantes resultados, onde 40% possuem o ensino médio completo e 60% estão em andamento, aproximadamente. Já entre os grafiteiros, 75% estão cursando o ensino superior e 25% já concluíram. Os otakus, por se tratar de adolescentes, como foi apresentado anteriormente, dentre os abordados, o nível de escolaridade estava para 50% no ensino fundamental II (6° a 9° ano) e 50% com o ensino médio em andamento.

Outro fator importante considerado por está pesquisa foi o de identificar a via mais utilizada para propagação do ideário das tribos urbanas, a partir do questionamento sobre o meio que possibilitou a geração atrativa em cada individuo para um primeiro contato com a tribo na qual pertence atualmente, considerando a família, os amigos, a internet e os elementos de comunicação visual, como filmes, cartazes, programas de TV, entre outros. Entre os membros de Moto Clubes o resultado foi que 50% tiveram essa atratividade gerada pela família, como também 25% foi pelos elementos de comunicação visual (filmes, reportagens, entre outros) e 25% gerada pelos amigos. Existe nos Moto Clubes uma valorização muito forte da instituição familiar, aja vista a constatação da presença de famílias inteiras durante a observação *in loco*, como também essa foi à única tribo cuja opção “família” foi marcada. Corroborando com isso temos o seguinte depoimento:

“Meu tio faz parte de Moto Clube, meus irmãos também, seria quase impossível eu não me interessar por motos e pelo estilo de vida dos Moto Clubes [...] o Moto Clube e a minha família são a mesma coisa.” (Moto Clube, 43)

A opção “amigos” como fonte primária de contato com a formação tribal identitária atual, foi a que teve um maior índice, sendo: skatistas 75%, *rappers* 87.5%, *breakdancers* 50%, grafiteiros 50% e entre os hippies chegou a 100%, só entre os otakus que teve uma menor proporção, sendo de 25%. Tendo a amizade essa representatividade, fortaleceu o embasamento do ideário de comunidade disposto pelas tribos, ante uma sociedade cada dia mais individualista e impessoal. Assim como observamos nas seguintes declarações:

“Foi por um amigo da escola, ele me falou que dançava e tal e me convidou, falei pra minha mãe ela não deixou, [...] ai eu fui, gostei, de cara fiz amizade, e to no *break* até hoje.” (Break, 24)

“Os cara chegou me chamando pra ir andar de skate e eu topei na hora, [...] todos fim de semana agente sai pra andar por ai, no começo eu caia mais do que andava, ai uns amigos foi me ensinado as resenha, e hoje caio menos.” (Skate, 20)

“Começo de brincadeira, a galera brincando de fazer rimas, daí sempre que estávamos juntos, alguém puxava essa brincadeira, as pessoas gostavam, eu fui me aprofundando no assunto [...] a brincadeira virou coisa seria.” (Rap, 26)

Os elementos de comunicação visual obtiveram o segundo maior índice entre tribos, estando: 62,5% para os otakus, 50% para os grafiteiros, 25% para os skatistas e 12,5% igualmente para os *breakdancers* e para os *rappers*. Entre os otakus este índice é justificado pela representatividade da tribo está para objetos ligados a elementos da comunicação visual como os animês, os mangás e os games. Já os grafiteiros, a própria arte disposta por

eles nos muros da cidade são fonte de fascínio e atração para outros indivíduos, gerando muitas vezes o interesse de ingresso na tribo. Justificando este auto-índice dos elementos visuais como fonte primária apresentamos os seguintes depoimentos:

“Assisto desenho japonês desde criança, e sempre fui viciado, comprava revistas, pôster, brinquedos, tudo que fosse dos animês que eu gostava, e ainda compro.” (Otaku, 17)

“Teve um dia, no ônibus que vi da janela vários muros com desenhos pintados, e como eram feios os muros que não tinha nenhum, algumas eram engraçadas e outras eram só iradas, pensei comigo que tinha que aprender a fazer aquilo lá.” (Grafite, 25)

A internet foi a que teve o terceiro menor índice primário, ficando com 35% entre os *breakdancers* e 12,5% entre os otakus, ficando a frente só de “família” que só foi optada por membros de Moto Clubes. No entanto, é importante salientar que mesmo a internet não sendo a fundamental fonte primária de geração de interesse, ela foi considerada como mais eficaz para o aprofundamento acerca de informações sobre as tribos.

“A internet hoje traz de quase tudo pra quase todos, se você quiser saber algo sobre alguma coisa, é quase certo que a internet terá muita informação sobre o assunto.” (Moto Clube, 43)

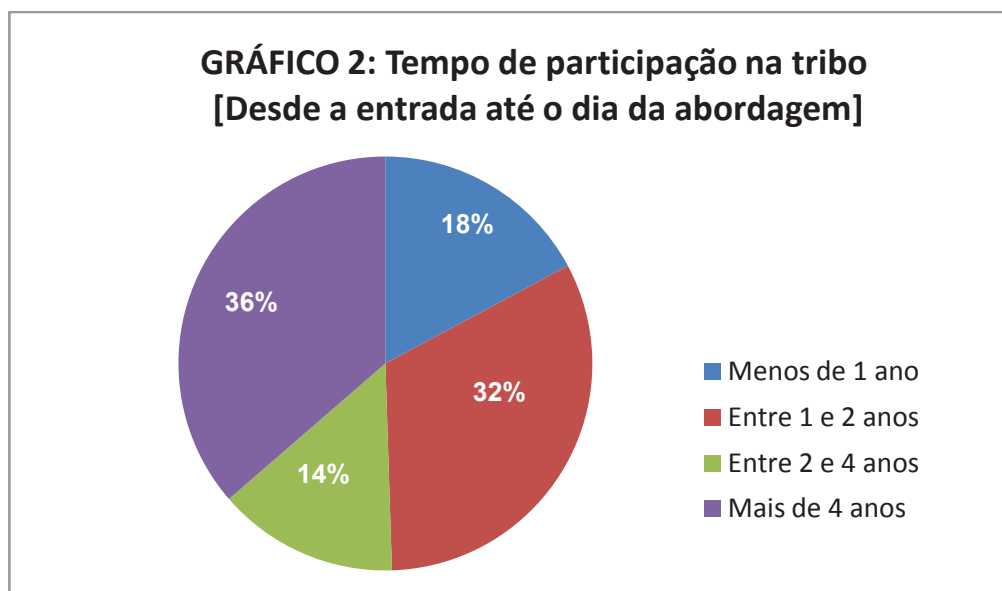
“Tô no computador todo dia, procurando coisa, viro a internet de cabeça pra baixo pra encontrar alguns animes [...] tô sempre lendo alguma coisa sobre o Japão, nos blogs, nos fóruns ou nas comunidades.” (Otaku, 17)

“A maioria das coisa que sei faz eu aprendi vendo vídeo no *youtube*, [...] todo mundo usa muito os vídeos da internet pra aprender umas parada nova” (Break, 24)

Os elementos de comunicação visual, supra citados, e a internet, são, segundo Araújo (2003, p.16) “[...] de fundamental importância para promover a dissolução dos pontos de vista centrais - rádio, televisão, jornais, *internet* tornaram-se canais multiplicadores de visões de mundo”. Esses elementos, pertencentes à tecnologia da comunicação e informação, promovem o aceleração da disseminação e a facilitação ao acesso de conteúdos que só seriam dispostos e absorvidos com o contato direto com as tribos.

Traçar uma linha do tempo acerca do período que os membros das tribos estão associados a elas até o dia em que foram abordados, foi outro fator importante considerado, levando ainda em consideração a existência de pretensão à permanência na tribo. As tribos com adeptos há mais de quatro anos foram as dos hippies e a dos Moto Clubes, que também consideraram a presença na tribo por mais tempo, as demais tribos possuíram considerável variação entre as respostas dos indivíduos. No geral temos, assim como mostra no Gráfico 2, que 18% estão a menos de 1 ano em uma formação tribal, 32% entre 1

e 2 anos, 14% entre 2 e 4 anos e 36% a mais de 4 anos. O que nos traz a reflexão que, poucos são os indivíduos que permanecem por mais de 2 anos, no entanto os que ultrapassam os 4 anos permanecem por muito mais tempo na tribo.



Fonte: SANTOS, Steferson. Pesquisa de campo, Julho/Octubro de 2011.

Procurando realizar um levantamento sobre a existência de uma espécie de aliança participativa entre os membros das tribos com o que é proposto pelas mesmas, foi colocada em questão a participação em reuniões informais e eventos oficiais realizadas pelas tribos. Com isso observou-se que, sobre os eventos informais como momentos de lazer, reuniões, entre outros, 46,4% afirmam participar de todos os eventos informais propostos pelas tribos e 53,6% afirmam não participar de todos os eventos informais realizados. Já sobre os eventos oficiais como convenções, encontros, feiras, entre outros, primeiramente, foi considerada a possibilidade de não realização desse tipo de evento, sendo constatada na tribo dos hippies a não realização de qualquer tipo de evento oficial, já os demais afirmaram igualmente participar dos eventos oficiais de suas tribos.

“Eu vejo todo mundo aqui todo dia, [...] oxe, a mais de anos, eu conheço, tudim, e tudo me conhece [...] tens uns que aparece às vezes, fica por aqui, por ali, mas nós manda embora” (Hippie, 37)

“Procuro sempre está falando com todos, mas nem sempre dá, [...] por causa do trabalho [...] no Motofest eu encontro todo mundo no mesmo canto, [...] fica até ruim porque é muita gente pra pouco tempo.” (Moto Clube, 43)

“Direto eu to com eles, tem uns que estuda na minha escola, outros mora lá perto de casa [...]. Toda semana tamo no shopping, [...] agente sempre tá falando das novidades e tal.” (Otaku, 17)

“Todo fim de semana nos encontramos para ensaiar [...] os ensaios são bem animados, agente conversa, brinca, resenha mesmo.” (Rap, 26)

Com base nos discursos apresentados acima observamos que tanto os encontros informais como os eventos oficiais, reforçam no imaginário dos indivíduos que compõem as tribos a idéia de comunidade. Corroborando com o que foi anteriormente disposto, acerca da dinâmica contrária ao individualismo presente nos centros urbanos, de forma que esses pequenos grupos desenvolvem verdadeiras associações livres, voláteis, mas também que exercem uma dinâmica bem articulada, fundamentada em elos voluntários entre os indivíduos. Ainda sobre a existência de elos, voltamos à atenção para a disposição destes não só entre os sujeitos, mas também entre os sujeitos e os espaços.

Para os Moto Clubes a relação destes com espaço, está principalmente voltada para existência de sedes, e outros equipamentos de uso comum: “as primeiras sedes da cidade estão por aqui, tem restaurante, bar, lanchonete [...] é perto de tudo, é o lugar perfeito e é nosso” (Moto Clube, 43). Dessa forma, a presença destes só será consideravelmente percebida na paisagem, nos arredores do Açude Velho, em determinados períodos quando existe alguma reunião nessas sedes, ou em maior proporção durante os dias do evento Campina Motofest, que transforma o Parque do Povo em um verdadeiro parque de exposição de motos.

Para os hippies esse elo é consequência de um tradicionalismo histórico: “a muitos anos que tamo aqui, já tentaram tirar agente já, mas dai a gente sai, mas volta” (Hippie, 37), temos claramente com os hippies que, da parte deles, aquele espaço é território deles, mesmo sendo um espaço publico de convivência. Logo, conforme Mesquita e Maia (2007, p.139): “Na formação de territórios são tomadas iniciativas individuais ou grupais (estratégias territoriais) para delimitação e manutenção”. A Praça Clementino Procópio, tem os hippies como parte integrada de sua paisagem, estes, em pleno centro urbano, dispõe por meio da praça, de uma proximidade com a natureza, característico de seu ideário.

Para a tribo dos skatistas, os espaços que possuem equipamentos exclusivos para a prática do esporte, como os presentes no Parque da Criança e na Vila Olímpica Plínio Lemos, são territórios específicos inseridos na paisagem urbana, “dá pra ver de longe que é o lugar dos skatistas [...] se não é skatista, isso tudo aqui não servi de nada” (Skate, 20). Assim sendo o espaço dos skatistas compreende um “[...] território é fixo e diferenciado, chegando a fazer os outros mudarem a direção do caminhar para não invadi-lo.” (MESQUITA; MAIA, op. cit., p.137). No entanto, para estes o processo de territorialização não se dá exclusivamente em espaços que detenham equipamentos de uso específico, aja vista que os mesmo se utilizam dos mais diversos elementos urbanos, para a prática do *skateboard*, como é o caso da Pirâmide do Parque do Povo, que por ter um amplo perímetro de área coberta e calçada, torna-se nos fins de semana território da tribo dos skatistas.

Dentro do Hip Hop temos: os *rappers* que utilizam do espaço do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), não por interdependência ou funcionalidade, mas pelo que ele representa: “tipo é um lugar pra arte e pra cultura, e o rap é isso ai, é arte, é cultura” (Rap, 26). Os *breakdancers*, que nos fim de semana se encontram no pátio coberto do Parque da Criança, para ensaiar, que por ser um lugar aberto e de uso comum da sociedade campinense atrai a atenção de muitas pessoas, fazendo com que os ensaios sejam vistos como apresentações, sendo este o fator principal de ocupação, por meio dessa tribo, deste espaço, “fica chei de gente olhando, [...] pra eles tudo muito massa, mesmo que algo saia errado [...] é o nosso palco particular” (Break, 24).

E por fim, no que se refere à tribo do Hip Hop, temos os grafiteiros, estes possuem uma relação particular com o espaço, que difere expressivamente das demais tribos citadas, trazendo por meio da arte disposta nos muros, paredes e monumentos da cidade, uma interação com o espaço urbano, modificando a paisagem a longo prazo, mesmo sem necessariamente estar presente fisicamente nesse período, tendo por seus territórios, os espaços marcados pelo grafite: “Eu grafitei ali, mesmo a parede não sendo minha, aquele território é meu [...] outro grafiteiro não pode vir e pintar em cima, só se já estiver todo véi e fêi, ou se eu deixa” (Grafite, 25).

E ainda a tribo dos otakus, que mesmo não sendo muito de territorializar espaços físicos nem de interagir com a paisagem urbana, tendo no espaço virtual seus territórios e sua principal fonte de dinâmica, toma o Shopping Boulevard Campina Grande como ponto de encontro e interação social e espacial. Assim como já foi apresentado anteriormente, segundo Araújo (2003), a tribo dos otakus, assim como as tribos que surgiram após a década de 1990, encontram nos elementos que remetem a pós-modernidade, a tecnologia, ao consumo, entre outros, característicos da atualidade e realidade capitalista preponderante, como os *Shoppings Centers*, a disposição do seu ideário ou a forma e espaço de manifestação e vivência deste. “Toda semana tamo no shopping, andando, conversando [...] se deixa-se agente morava lá” (Otaku, 17).

Entre as falas e os dados coletados torna-se perceptivo que apesar das diferentes características e conjunturas existentes entre as tribos urbanas supracitadas, encontramos no espaço urbano do município de Campina Grande a propiedade para o surgimento, desenvolvimento e fixação das mesmas, socialmente e espacialmente. Dessa forma, temos na cidade, assim como afirma Santos (2009, p.327) “[...] o palco principal para os elementos socioculturais”. E ainda para o surgimento de novas, ou para o desenvolvimento de algumas que ainda são um tanto imperceptível, mas já apresentam alguns poucos representantes na cidade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno das tribos urbanas na cidade de Campina Grande, é claramente evidenciado pela sociedade em um âmbito geral, mesmo sendo identificados como micro grupos, estes apresentam características e formas, que os tornam, dentro da dimensionalidade urbana de Campina Grande, facilmente perceptivos. A partir de uma perspectiva geográfica, esse fenômeno é considerado, notoriamente, a partir das concepções de espaço território e paisagem.

Para a compreensão dessas formas de tribalismo, presente no espaço urbano do município atualmente, faz-se necessário a contextualização dos fatores históricos e geográficos, e dos aspectos sociais, econômicos e culturais, que projetam a cidade de Campina Grande como centro da região, e a torna promissora a concepção e desenvolvimento dessas tribos.

Apesar de reconhecer a existência na cidade de outras formas de tribalismo urbano, além dos Moto Clubes, dos hippies, dos skatistas, dos *hip hoppers* (*rappers*, *breakdancers* e grafiteiros) e dos otakus, estas se destacam, por causa de suas formações no contexto social, levando em consideração os eventos realizados pelas mesmas e pela presença marcante em determinados espaços da cidade.

Observou-se, por meio de uma breve contextualização da origem e dinâmica de cada tribo selecionada, que as mais diferentes formas de tribalismo urbano apesar de possuírem uma mesma caracterização científica, são detentoras de características drasticamente diferenciadas. E por meio do mapeamento dos espaços apropriados e utilizados pelas tribos em Campina Grande, a importância do espaço para a dinâmica do tribalismo urbano, tendo na formação de território e na agencia da paisagem urbana algo intrínseco, pois são através destas ações que são dispostos seus ideários, comportamentos, símbolos, costumes, entre outros.

Havendo a necessidade de inserção no planejamento urbano de projetos que venham a atender a necessidade particularizada desses indivíduos que compõem essas tribos. Como também a importância da geração de novos espaços públicos de convivência, como praças, pátios, centros comerciais, entre outros. Tendo em vista a potencialidade desses grupos, na dinâmica sócio-espacial da cidade

REFERÊNCIAS

AESA. Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba. **Atlas do Plano Estadual de Recursos Hídricos da Paraíba: Mesorregiões do Estado da Paraíba**, 2006. Disponível em: <<http://www.aesa.pb.gov.br/geoprocessamento/geoportal/mapas.html>> Acesso: 30 ago. 2011.

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. Neotribalismo: o predomínio da estética local sobre a ética global. **Revista Cenário da Comunicação**, São Paulo, v.2. 2003.

BARRAL, Étienne. **Otaku** : os filhos do virtual. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BESSÉ, Jean-marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro: Recorde, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/home.asp>> Acesso: 16 ago. 2011.

CARDOZA, Isabela Fonseca. A sociedade pós-moderna e o fenômeno das tribos urbanas. **Lato & Sensus**, Belém, v. 4, n. 1, out, 2003.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. Individualismo e Cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, 2004. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/caos/tayanegomes.pdf> Acesso: 05 abr. 2011.

COSTA, Márcia Regina da. Tribos urbanas nas identidades das metrópoles. **Eccos**: Revista científica, São Paulo: UNINOVE, v.3, n.1, 2001. p.41-55.

COSTA, Vlad Schüler. Geração Sentimental: A Construção Social do Otaku. do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais. Vitória. 2011. **Anais...** Vitória, ES: UFES, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS>> Acesso: 23 ago. 2011.

GOMES, Frederica S. G. **Diversidade de grupos, características físico espaciais e apropriação: do espaço urbano em cidades de crescimento recente**. Porto Alegre: UFRS, 2006. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Geografia UFRS, Rio Grande do Sul, 2006.

FIEP. Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, 2010. Disponível em: <http://fiepb.com.br/fiep/>. Acesso em: 10 jul. 2011.

FELDHAUS, Fabiano. Territorialidade do sagrado na região do contestado. 1º COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES. Curitiba. 2007. **Anais...** Curitiba, PR: UFPR, 2007. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/>> Acesso em: 13 mar. 2011.

FERNANDES, Adriana. **A História do Skate**. 2003. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/skate/default.asp?did=2080&action=historia>> Acesso em: 21 ago. 2011.

FREHSE, Fraya. As realidades que as "tribos urbanas" criam. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: v. 21, n. 60, 2006.

GOMES, Frederica S. G. **Diversidade de grupos, características físico espaciais e apropriação**: do espaço urbano em cidades de crescimento recente. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

HAERSBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PIB 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/censo2010>> Acesso em: 20 mar. 2011.

_____. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/censo2010>> Acessado em: 20 - 03 - 2011

IGLESIAS, Fabio; ALFINITO, Solange. A abordagem multi-metodológica em comportamento do consumidor: dois programas de pesquisa na oferta de serviços. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 6, n. 1, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2011.

LEAL, Adílio Alves; FONSECA, Gildete Soares. **Território**: Categoria Geográfica das Múltiplas Perspectivas. Minas Gerais: UNIMONTES, 2009. Disponível em: <http://egal2009.Easyplanners.info/area02/2258_Alves_Leal_Adilio.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2010.

MACÊDO, José Emerson Tavares de; MACIEL, Eraldo Eronides. **Campina Grande**: Da Vila Nova da Rainha ao "Ouro Branco". Campina Grande: UEPB, 2008.

MACHADO, Carlos Alberto. Animencontros: a relação da cultura pop nipônica na configuração de grupos juvenis. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2009, Caxambu. **Anais Eletrônicos**... Rio de Janeiro: Anped, 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5591--Int.pdf>> Acesso em: 09 ago. 2011.

MAFFESOLLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo**: Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia, São Paulo: FFLCH/USP, ano 2, n. 2, 1992.

_____, Jose Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. p.173-205.

MESQUITA, Maria Elisabeth Alves; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Territórios e territorialidades urbanas em Goiânia: as tribos dos moto clubes. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiás, v. 27, n. 3, 2007.

MOREIRA, Ruy. O racional e o simbólico na geografia. *In*: SOUZA, Maria Adélia (et. all). **Natureza e sociedade de hoje**: uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994.

_____, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTOCLUBES do Brasil. **Revista Motoclube**. Disponível em: <revistamotoclubes.com.br> Acesso em: 26 out. 2011.

NAGADO, Alexandre. O mangá no contexto da cultura pop japonesa e universal. *In*: LUYTEN, Sonia Bibe. (Org.) **Cultura Pop Japonesa**: mangá e animê. São Paulo: Hedra, 2005.

NÓBREGA, Amy de Souza. **Enciclopédia dos Municípios Paraibanos**. João Pessoa: Correia da Paraíba, 1976.

NOVAES, Regina. Hip Hop: o que há de novo? *In*: **Perspectivas de Gênero**: Debates e questões para as ONGs. Recife: GTGênero Plataforma de Contrapartes Novib, 2002. p.112.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas de Desenvolvimento Humano: Índice de Desenvolvimento Humano**, 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>> Acesso em: 28 jan. 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, José Carlos. Diálogo entre as categorias da Geografia: espaço, território e paisagem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 26, 2008. p.128-142.

SANCHEZ, Giovana. **Movimento hippie consolidou rebeldia pacífica da geração de 1960**. São Paulo: 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias>> Acesso em: 14 jun. 2011.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 180-181.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** São Paulo: EDUSP, 2002.

_____, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Agnaldo Barbosa dos. **Espacialidade e ressignificação das carvalhadas de argolinhas em Campina Grande.** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba. 2007.

SCANDIUCCI, Guilherme. O lugar do Hip Hop em São Paulo e os desenhos grafitados como marcas das periferias. *In*: Sérgio Poato: Maria de Lourdes Beldi de Alcântara. (Org.). **Graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil.** São Paulo: DPL, v. 12, 2006. p. 225-249.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 3. ed. rev. Atual, 2001.

SILVA, Judite Maria de Santana. Waly Salomão: Algarvias do pós-tudo. XI Congresso Internacional da Abralic Trabalhos. **Anais USP...** São Paulo: 2008. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/>> Acesso em: 15 jul. 2011.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova,** Barcelona, n.29, 2001.

VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A

MODELO DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Questionário n° _____

Nome: _____

Sexo: M () F () Idade: _____

1. Qual a sua tribo?

() Moto Clube () *Hippie* () *Skate* () Rap () *Break* () Grafite () Otaku

2. Em qual município você mora?

() Campina Grande () outro, qual? _____

3. Onde se localiza sua residência?

() Próxima ou no Centro () Periferia () Zona Rural

4. Qual o seu grau de escolaridade?

() Ensino fundamental I [1° a 5° ano]

() Ensino fundamental II [6° a 9° ano]

() Ensino médio () completo () em andamento

() Ensino superior () completo () em andamento

() Não frequentou nenhuma instituição de ensino

5. Por qual via você teve o primeiro contato com essa tribo?

() Amigos

() Família

() Internet

() Elementos de comunicação visual (ex. filmes, cartazes, propagandas, revistas e etc.)

Exemplifique: _____

Dentre estas, qual você considera mais eficaz para o aprofundamento acerca de informações sobre as tribos? _____

6. Há quanto tempo você faz parte dessa tribo?

- () Menos de um ano
- () Entre um e dois anos
- () Entre dois e quatro anos
- () Mais de quatro anos, quantos? _____

7. Pretende permanecer muito tempo nessa tribo?

- () Sim
- () Não
- () só por enquanto

Por que?

8. Como é a sua relação com as pessoas que fazem e não fazem parte da sua tribo?

- () Me relaciono mais com as pessoas da tribo
- () Me relaciono só com pessoas da tribo
- () Me relaciono mais com as pessoas que não fazem parte da tribo
- () Me relaciono da mesma forma com as pessoas da tribo quanto as que não são

9. Você participa de todos encontros informais (ex.: momentos de lazer, reuniões, entre outros) realizados pelo grupo na cidade?

- () Sim
- () Não

10. Sua Tribo realiza eventos oficiais (convenções, encontros, feiras, entre outros)?

- () Sim
- () Não

Se sim, você participa dos eventos oficiais realizados pelo grupo em Campina Grande?

- () Sim
- () Não

Aplicado em: _____

APÊNDICE B

BASE DOS QUESTIONAMENTOS LEVANTADOS NAS ENTREVISTAS

Entrevista: () Moto Clube () *Hippie* () *Skate* () *Rap* () *Break* () *Grafite* () *Otaku*

Nome: _____

Sexo: M () F () **Idade:** _____

1. Entre amigos, família, internet e mídias de comunicação, por qual destas vias você teve um primeiro contato com a tribo urbana que você faz parte atualmente, e qual ou quais, destas, você considera mais eficaz para o aprofundamento acerca de informações sobre a sua tribo, e por quê?

2. Você está em contato frequente com os demais membros da tribo, quer seja em encontros informais, como reuniões e momentos de lazer e descontração, ou eventos oficiais, como feiras, convenções e encontros?

3. Como você descreveria o espaço onde você e os demais membros da tribo usam para se encontrar, levando em conta a importância e o significado dele para a tribo? E o que eles representam pra você especificamente?